

OEDIPUS

Corpo Freudiano Nova Friburgo – Revista de Psicanálise
Nº 1 – junho 2022



APRESENTAÇÃO

Izaura Gazen

(diretora do núcleo Nova Friburgo)

O segundo semestre de 2021 foi difícil para todos nós. De diversas formas, a castração se fez presente. Foi o semestre da pandemia de coronavírus, de estudo online e de mudanças internas na escola. Contudo, foi também um período fértil e de grandes decisões, tanto quanto à escola que queremos ser quanto à estrutura que passamos a priorizar.

A tradição das escolas de psicanálise – do nosso Corpo Freudiano em particular – sempre foi a transmissão presencial. Com a pandemia, nos reinventamos e foi necessário adequar novas formas de encontros, mediados pela tecnologia sem, com isso, perder esse traço do pulsar da vida, que é estarmos juntos num ambiente comum, ainda que a distância.

Desde março de 2020 nossos encontros ocorrem de modo online. Já não nos parece possível dispensar essa possibilidade, uma vez que o futuro, ao que parece, já se apresenta como híbrido. Razão pela qual temos construído um lugar virtual, sem renunciar à presença, ao calor e ao laço.

Tentaremos sustentar ao máximo os encontros presenciais em um lugar físico. Mas, quando não forem viáveis ou possíveis, garantiremos o registro de nossa memória em um lugar acessível, sejam quais forem as circunstâncias, através das pegadas com as quais marcamos nossa presença de escola.

O primeiro número de nossa revista *Oedipus* traz as produções da VIII Jornada de psicanálise. Jornada referente ao módulo 2021, segundo semestre, em que nos dedicamos aos conceitos de Édipo e Castração. Ambos extremamente importantes para a psicanálise e cujo simbolismo falou-nos intensamente naquele momento.

Os trabalhos aqui publicados respondem a diversos percursos na escola e na psicanálise, conforme cada um foi por ela causado. Efeito de transmissão, eles reúnem teoria, estilo e poética singular a cada autor que se autoriza e se expõe através do admirável recurso da letra.

Boa leitura.



SUMÁRIO

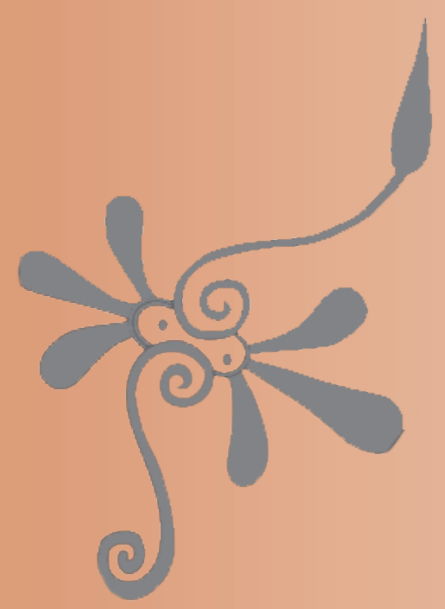
[VIII Jornada]



Capitalismo e mal-estar na contemporaneidade: do declínio do Nome-do-Pai aos efeitos do biopoder (Carolina Rodrigues Ribeiro)	09
Outros fundamentos para o Édipo: comentando o Édipo em Lacan, de Ivan Ramos Estevão (Ana Beatriz Manier)	13
Lacan Para Além do Complexo de Édipo (João Clemente Moura).....	25
A precarização do trabalho como espécie de castração: brevíssimos apontamentos (Clóvis S. de Souza)	31
Sobre a leitura Lacaniana do Édipo Freudiano (Dermeval Figueira)	39
O complexo de Édipo e a lógica da castração (Narjara Gonçalves)	43
Édipo e castração. Estudar Édipo ainda? (Renata Tucci)	47
A reinvenção da vida (Izaura de Fatima Machado Gazen, Lila Tatiana Queiroz de Carvalho Souza, Dayana Custódio Rodrigues, Felipe Sader, Andrea Garcia, Miriam Amorim, Juliana Antunes Medeiros)	61
Questões sobre <i>alíngua</i> materna e a língua paterna, o rastro de Tyche em Automaton. (Verônica Cavalcante Pessoa de Melo).....	69

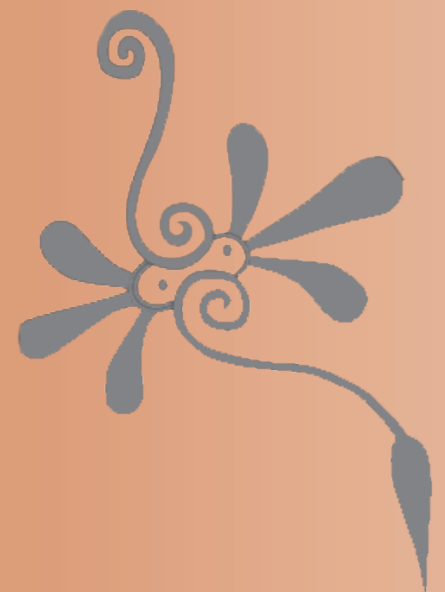
[Literatura]

Flor de lótus (Renato Mattos)	76
O tempo ao seu tempo (Ana Beatriz Manier)	82



VIII

Jornada





Capitalismo e mal-estar na contemporaneidade: do declínio do Nome-do-Pai aos efeitos do biopoder

(Carolina Rodrigues Ribeiro)

O presente trabalho tem por objetivo central tratar das questões referentes ao mal-estar que se manifesta na sociedade capitalista contemporânea, assim como suas possíveis causas e consequências. Para tanto, busca-se estabelecer uma aproximação entre o discurso capitalista, o declínio do nome-do-pai, o processo de dessubjetivação, o biopoder e a “dimensão ética do mal-estar contemporâneo”¹.

Os argumentos organizam-se a partir da análise do capitalismo enquanto responsável pelo declínio da função paterna e da incidência de um imperativo superegoico na atualidade. Esta produção de um mais-de-gozar seria, portanto, compreendida pela eversão do nome-do-pai na sociedade que, funcionando como operador da castração e transmissor da lei é o que possibilita o processo culturalizador.

Se a entrada na esfera discursiva do simbólico implica em uma perda estrutural que constitui o ser falante como faltante, o capitalismo, através de mecanismos engendrados pelo biopoder, se apropria e incentiva a produção e o consumo compulsivos de objetos, ignorando a barra à satisfação total do desejo e alimentando, assim, um gozo sem fim. Nesta esteira, há uma ascensão do objeto em detrimento do

¹ BIRMAN, Joel (1999). Mal-estar na atualidade. A psicanálise e as novas formas de dessubjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

sujeito. Pois, ante a variedade de modos de gozar e a consequente queda da autoridade paterna, o que se percebe é uma vacilação na identificação dos sujeitos que ficam à mercê de um novo tipo de mal-estar específico da atualidade.

A construção da identidade do sujeito em psicanálise se dá pela via dos significantes do Outro. Assim, o Complexo de Édipo se descreve pela intervenção paterna na relação mãe-bebê, intermediando a relação especular do "eu" e do Outro. Com a castração simbólica, o desejo materno deixa de ser o que condiciona o desejo da criança, introduzindo-a no registro da falta. É o encontro com a falta, portanto, que faz da criança um sujeito desejante.

Isto quer dizer que o sujeito é efeito de significantes e da sua entrada no campo da linguagem. A alienação do sujeito à linguagem implica seu reconhecimento como sujeito culturalizado, membro de uma coletividade que possui leis e interditos fundados no nome-do-pai – significante operador da interdição e que designa a falta no campo do Outro.

Desta forma, a inscrição do sujeito na cultura se dá pela assimilação de preceitos éticos e morais que estabelecem limites às forças pulsionais, isto é, o processo de subjetivação depende da "mediação simbólica das pulsões no universo de representação". O que se percebe, logo, é que a precariedade da ordem simbólica, característica da sociedade capitalista contemporânea, representa um risco de "implosão para o corpo do sujeito – em forma de sintomas específicos desta época – e explosão para o outro" ² – atos de violência e agressividade, que incorreriam em um processo de des-subjetivação.

A esta face do mal-estar contemporâneo, buscamos relacionar os mecanismos do biopoder. Com a precariedade das possibilidades de simbolização, notamos a substituição dos mecanismos disciplinadores atrelados ao biopoder na modernidade pelos mecanismos de biopoder contemporâneos, que se caracterizam pelo controle do mais-de-gozar produzido pelo capitalismo.

A partir daí se dá a ocorrência de um novo tipo de sofrimento atrelado à capitalização do imperativo de gozo pelo biopoder, que incide sobre o sujeito e pelo sujeito. Destarte, o deslocamento dos dispositivos de poder engendrados,

2 Idem, p. 11.

agora apoiados na lógica do mercado, ganham novos efeitos de gozo e novas formas de mal-estar.

Percebemos que, na sociedade disciplinar na qual os sintomas irrompem do conflito existente entre as demandas pulsionais e a censura advinda das normas de socialização, o sofrimento psíquico que surgia em resposta à polaridade conflitual do indivíduo articulava-se à neurose. Na atualidade, "o modelo disciplinar de gestão de condutas cede lugar a normas que incitam à iniciativa pessoal".³ Isto é, as ações do indivíduo passam da permissão social à flexibilização das leis e à negação da falta, o que resulta no imperativo às demandas de desempenho e alta performance, levando o sujeito a patologias da "insuficiência e da disfuncionalidade da ação", como a depressão, a ansiedade, o esgotamento e as compulsões.

Igual relevância tem a marca da violência na nossa sociedade, outro traço notável no mal-estar contemporâneo. A violência, enquanto característica da subjetividade atual, se manifesta como passagem ao ato, caracterizada pelo empobrecimento dos processos de simbolização, na medida em que eles se tornam insatisfatórios na regulação das pulsões agressivas.⁴

Em suma, na sociedade capitalista contemporânea, a lei e as intervenções operadas pelo nome-do-pai dão lugar ao empuxo ao gozo ilimitado – o mais-de-gozar – operado pelo biopoder, que exerce controle pelos dispositivos de assimilação de uma lógica empresarial, incitando, assim, o desempenho como forma de se alcançar tudo o que se deseja, negando em absoluto a castração.

BIBLIOGRAFIA

- BRAUNSTEIN, N. "O discurso capitalista: quinto discurso? O discurso dos mercados (PST): sexto discurso?". In: A Peste: Revista de Psicanálise, Sociedade e Filosofia, v. 2, n. 1, jan./jun. 2010, p. 143-165.
- BIRMAN, Joel (1999). Mal-estar na atualidade. A psicanálise e as novas formas dessubjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

3 BIRMAN, Joel (1999). Mal-estar na atualidade. A psicanálise e as novas formas dessubjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p.43.

4 Idem, 2003, p.14.

_____. Dor e sofrimento num mundo sem mediação In: Estudos Gerais da Psicanálise. Rio de Janeiro, 2003.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber; tradução de Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon Albuquerque. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012

_____. Microfísica do poder; tradução de Roberto Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015

FREUD, Sigmund. (1996). O Mal-Estar na Civilização. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol.XXI, pp.73- 148). Rio de Janeiro: Obras Completas de Sigmund Freud.

LACAN, Jacques. (1997). A ética da psicanálise. In J.-A. Miller (Ed.), O seminário 7 de Jacques Lacan: 1959-1960 (pp. 9-294). Rio de Janeiro: Zahar.

_____. 2008. O seminário, livro 16: de um Outro ao outro (1968-1969). Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (1969-1970). O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LEBRUN, Jean-Pierre. 2010. O mal-estar na subjetivação. Porto Alegre: CMC

RABINOW, Paul. O conceito de biopoder hoje. In: Revista de Ciências Sociais, n. 24, 2006

SAFATLE, Vladimir (Org) *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte, Autêntica, 2020.



Outros fundamentos para o Édipo: comentando o Édipo em Lacan, de Ivan Ramos Estevão

(Ana Beatriz Manier)

“O Édipo em Freud é sujeito a controvérsias”. É assim que Ivan Ramos Estevão começa seu capítulo sobre o Édipo em Lacan. Para ele, o Édipo de Freud encontra-se sob suspeita, por unir suas funções unicamente às figuras parentais dentro de determinada sociedade (a europeia), e também por tentar normatizar a sexualidade. Em “Totem e tabu”, diz ele, Freud tenta escapar da impressão histórica, regionalista e datada causada por sua teoria, ao tentar encontrar diferentes formas de regulação sexual em sociedades não europeias. Encontra diferenças, afirma, mas as regras de controle dos impulsos sexuais e as estruturas sociais não fogem muito ao padrão já conhecido. “O totem (*ainda*) representa o Pai, o tabu (*ainda*) fala da proibição de incesto.”

Em relação à figura de pai e a mãe, embora Freud insinue não se tratem de pais da realidade, mas sim de figuras simbólicas – seja no âmbito familiar ou individual – e não se coloque de forma indiferente a esta questão, ele não a acha determinante. Cita como importantes deslocamentos das figuras edípicas as representações paternas dos casos Hans (pai simbolizado por um cavalo), Dora (pai como objeto de amor incestuoso) e Schreber (pai simbolizado como Deus); lança mão do exemplo da brincadeira do neto com o carretel (o jogo do fort/da), em que a ausência do objeto é verbalizada como *fort* e sua presença como *da*, considera Édipo e

castração como processos; percebe, pelas falas de seus analisantes, que as figuras dos pais descritas por eles não correspondem aos pais da realidade, e sim a figuras imaginadas e idealizadas, mas não chega a dar às figuras parentais um caráter de função psíquica, mantendo ainda uma conexão com o pai e a mãe reais.

Lacan, partindo da teoria freudiana de Édipo e de outros campos do saber (como Freud também o fizera) agora atualizados para sua época, diz que não abandonara Freud, ao contrário, retornava a ele, sem dar atenção aos pós-freudianos que o achavam ultrapassado. "Nós não seguimos Freud, nós o acompanhamos".

A negatividade constitutiva

Muitos elementos de Freud são vistos em Lacan, porém sob outra ótica, ressalta o autor. A importância dada à questão da falta, da ausência, do negativo ou da não adaptação é um exemplo disso.

Será de grande importância para a teoria Lacaniana a questão do "objeto perdido, objeto pequeno *a*, vazio, furo, desamparo, indeterminação, inconsistência, impossível, sem-sentido e o próprio sentido do real". Tidas como formas variadas de se falar de negatividade, esses termos revelam a dimensão incompleta do funcionamento psíquico. Mais do que sua incompletude, sua incapacidade de totalização.

É por causa da sensação de angústia dessa incompletude, pontua Estevão, que as pessoas procuram a psicanálise. E foi ao tratar de pacientes com esse sintoma, tentando diminuir seu sofrimento, que Freud se deparou com o que chamou de resistência. Resistência vinda do próprio paciente que, ao mesmo tempo em que sofria também se comprazia do próprio sofrimento, como se houvesse no sintoma a satisfação de um desejo inconsciente.

Para Freud, continua Estevão, o sintoma é também uma forma de revolta do indivíduo em resposta à sua incapacidade de não poder ter seus desejos atendidos. Como os desejos nunca cessam e nunca podem ser plenamente satisfeitos, eles ficam pulsando em busca de satisfação. Esses elementos serviram para construir a teoria freudiana da pulsão, de seu correlato "desejo", e para nos nomear como, de fato,

somos: seres insaciáveis, vivendo em constante estado de desadaptação, desencaixe e em conflitos com as exigências culturais, sociais e até mesmo as individuais.

Essa insatisfação perpétua, sentida como um mal-estar, se renova, angustia e tende a se dividir em duas maneiras de reagir: a busca pelo prazer e pela satisfação ou a destruição nossa, do outro e do que nos incomoda. Elas podem ocorrer juntas e são explicitadas no exemplo que o autor nos dá, em seu livro, como o ato de comer compulsivamente, que gera tanto prazer quanto destruição. Ainda assim, conclui, a satisfação plena é inalcançável.

Será a partir daí, que a psicanálise freudiana se dividirá em dois eixos: um que sustentará a impossibilidade de satisfação da pulsão e outro que buscará formas de satisfação não parciais. É no primeiro eixo, o da não satisfação, que se encontra Lacan e a sua questão do objeto perdido, indeterminado e impossível.

A concepção estrutural

Não só à ênfase na negatividade e no vazio se prenderá Lacan ao retomar Freud. Para ele, a ideia de estruturas psíquicas de cada sujeito lhe servirá para pensar os tipos clínicos. O estruturalismo estava em alta em sua época e ele o via como um conjunto de regras específicas que interagem entre si e que, sendo elementares para a estrutura, isolavam tanto seus objetos de estudo quanto suas regras.

Assim, Lacan lê Freud dando especial atenção às estruturas elementares do sistema psíquico. Ele isola seus elementos fundamentais e pensa nas regras de funcionamento de seus objetos. O que lhe chama grande atenção nesse processo é a linguagem. Uma vez que os psicanalistas trabalham com a premissa do tratamento pela fala, a linguagem não poderia ser deixada de lado.

É com Saussure que Lacan começa a pensar a noção de significante e significado, dando ao primeiro termo uma interpretação sua, sem perder o rigor que ela exige. De início, para ele, o significante será tido como o suporte dos significados, ideia da qual ele logo tirará o foco direcionando sua atenção mais ao *funcionamento* do significante do que ao

que ele quer dizer. O uso do significante, ou seja, a escolha lexical, está presente no cotidiano das pessoas, em seus jogos simbólicos e nos relatos de suas análises.

A metáfora e a metonímia citadas nos textos freudianos como condensação e deslocamento, por exemplo, lhe mostram que é muito mais importante prestar atenção aos significantes utilizados pelos pacientes do que ao seu suposto significado, que só poderá ser descoberto em análise.

Sobre os tipos clínicos, psicose, perversão e neurose, Lacan se propõe a analisá-los com base em seu modo de funcionamento psíquico, sem hierarquia entre eles e sem considerá-los patologias. Psicose, perversão e neurose, para ele, são formas de agir e reagir psiquicamente diante dos fatos da vida, sendo impossível descrever que tipo sofre menos ou mais.

Sua concepção estruturalista e da negatividade, assim como sua teoria sobre o significante, serão sempre revistas ao longo de sua obra, sendo as dimensões SIGNIFICANTE - SENTIDO - NEGATIVIDADE as principais formas de experiência humana sobre as quais ele irá se debruçar.

Os três registros

Para Lacan, a realidade ou a forma como experimentamos a vida se apresenta em três registros diferentes, porém intimamente ligados: simbólico, imaginário e real.

O registro **simbólico** pré-existe ao ser humano, já está ali quando ele nasce, e é a partir dele que o humano/sujeito se relaciona com o mundo, o mundo da linguagem. É a partir dele que o sujeito encontra palavras, significantes, para representar e mediar mentalmente as coisas que experimenta interna e externamente.

A partir **simbólico**, dos significantes/palavras/símbolos, é que se criam definições capazes de nomear e dar sentido às experiências vividas. A forma como construímos esse sentido, porém – imagens, referências, sensações, dúvidas, certezas, alienações... – são idealizações nossas criadas no registro do **imaginário**.

O registro do **imaginário** corresponde, na teoria freudiana, à ideia de narcisismo, e diz respeito à relação que a criança estabelece com o mundo a partir da imagem que desenvolve de si e do outro, no contato com aqueles que cuidaram dela. Em outras palavras, diz Estevão:

O imaginário consiste em uma modalidade de relação com o mundo a partir da imagem que se constitui de si e do Outro e da perspectiva de que há um encontro que forma uma unidade entre sujeitos, uma complementaridade que acaba com a negatividade e o mal-estar inerente a eles. Há no imaginário um empuxo à completude.

O terceiro registro, por sua vez, o registro do **real**, diz respeito às experiências que escapam ao universo das palavras, das imagens, dos significados e das referências. Refere-se normalmente às experiências traumáticas e angustiantes, àquelas ligadas à negatividade, ao vazio, à falta.

Para Estevão, esses três registros são a forma como Lacan reorganizou a teoria Freudiana e as categorias mais fundamentais de sua conceituação de retorno ao Complexo de Édipo. Por fim, diz ele, há três elementos dos quais Lacan se serviu para retomar o Édipo:

1 a noção de negatividade, de inadaptação, de vazio insanável e de impossibilidade de satisfação plena – elementos constitutivos da condição humana. **2** a organização estrutural de funcionamento psíquico – regras de funcionamento para a neurose, para a psicose e para a perversão. **3** as categorias dos registros (simbólico, real e imaginário), organizadoras de toda sua releitura, assim como novas conceituações freudianas e pós-freudianas feitas por ele.

Os três tempos do Édipo

Os três tempos do Édipo formam a leitura estruturalista que Lacan fez de Freud até 1959. Para Lacan, no que diz respeito ao Complexo de Édipo, é preciso separar as figuras de pai e mãe das funções paterna e materna e olhar para a forma como o laço afetivo se desenvolve entre eles e o bebê, tendo em vista certo “consentimento”. Em “Formulações sobre a causalidade psíquica”, escreve Estevão, quando pensa na loucura e em suas causas, Lacan apresenta a ideia de que “há uma insondável decisão do ser”, ou seja, há algo em nós que não é possível compreender.

Não é possível responder “O que determina, afinal, nosso pensamento?” e “O que determina o nosso ser?”, pois não há uma fórmula definitiva que diga como se deve educar

alguém, nem governar pessoas. A “insondável decisão do ser” é um ponto de indeterminação em todos os seres humanos.

Mesmo que se leve em consideração os aspectos históricos, familiares, sociais, culturais e genéticos onde cresce um indivíduo, é impossível saber o que leva uma pessoa a ser como é. Nem a psicanálise dá conta disso, uma vez que ela é uma teoria do sujeito inconsciente e se debruça sobre aquilo que escapa a esse sujeito. Em outras palavras, não é possível encontrar causas definitivas na família ou na sociedade que justifiquem por que alguém é neurótico, psicótico ou perverso. “Não é a mãe que fez do filho um perverso, psicótico, ou neurótico. Não é por conta daquela família que a criança é o que é”. O indivíduo faz escolhas e o insondável do ser está nelas. Com a psicanálise, pode-se dizer que escolhas foram feitas, mas não o porquê delas.

Dito isso, o Édipo em Lacan não fala de como se dão as relações entre a criança e seus cuidadores, mas a forma como surgem os elementos que levam a certa estrutura psíquica. Um pouco diferente de Freud, Lacan pensa o Édipo em tempos lógicos e não cronológicos. Para ele, não é válida a cronologia das fases oral, anal, fálica, que levariam a padronizações e tendências, a pensar uma fase como condição para outra. Sua teoria não funciona assim, pois essa forma de pensar levaria a um organicismo que ele refuta. Para ele, o Édipo não se trata de um processo de desenvolvimento que segue um ritmo “normal”. Lacan questiona teorias da normalidade.

O tempo do Édipo no qual um sujeito se fixa diz respeito ao tipo clínico desse sujeito, sem pensar em termos de déficit ou desenvolvimento – isso criaria uma hierarquia estrutural entre psicóticos, neuróticos e perversos; tenderia a considerar uns menos desenvolvidos que os outros. Para Estevão, a diferença fundamental entre um déficit, falha ou escolha está sempre presa à insondável escolha do ser. Focar a atenção na escolha do sujeito faz com que a escuta do psicanalista fique no sujeito e suas escolhas; focar em desenvolvimento e cronologia acarretaria em uma hierarquia normatizante na qual o sujeito deveria ser de determinado modo.

O primeiro tempo do Édipo

Nesse primeiro tempo do Édipo, há dois pontos fundamentais: a constituição de um EU e a separação da criança do desejo do Outro. Isso confirma a teoria lacaniana de que o registro simbólico, constituído pela linguagem, pré-existe ao sujeito. Quando chegamos ao mundo, já estamos dentro de um universo simbólico e nosso contato com os outros é mediado por ele. Em outras palavras, a existência do bebê, muitas vezes, já é marcada pela expectativa que se coloca nele, antes mesmo de seu nascimento (é comum que já haja uma imagem imaginada dele, um sexo, um nome...). Estevão enfatiza que a escolha do nome é o que marca o lugar simbólico da criança. E por mais que se pense que essa escolha é aleatória ela não é.

À medida que vai se estruturando, a criança tem que se adaptar à pré-existência do universo simbólico – não existe um universo natural para o ser humano, pois o universo que pré-existe a nós é simbólico e tem como elemento central o significante – e isso, conforme anteriormente constatado por Freud, afeta toda a sua forma de se relacionar com o mundo. É nesse momento de adaptação que o EU primário, corporal, começaria a se constituir ao reagir a estímulos.

O primeiro tempo do Édipo é uma das primeiras contribuições de Lacan para a psicanálise e é a partir daí que ele propõe o estádio do espelho.

Ao nascermos, somos todos seres totalmente dependentes de um outro. Se o bebê não receber cuidados, ele morre. Há, portanto, nesse fato, a necessidade de que alguém deseje minimamente o bebê para que ele sobreviva, alguém que o insira em sua rede simbólica e lhe dê um lugar. Vale ressaltar que, para Lacan, não há necessidade de que essas pessoas sejam os pais biológicos ou outro familiar. O importante, porém, é que a pessoa encarregada deste cuidado tenha essa função simbólica. Com isso, Lacan elabora a figura do Outro (Grande Outro, que ele grafa com a letra “A”, de *Autre*, em francês.). Essa ideia do Outro substitui o aspecto identitário e imaginário pelo funcional, demonstrando haver aí mais uma função psíquica do que uma concretude material. No Édipo lacaniano, essa função psíquica recebe o nome de **função materna** e **função paterna**.

Esse estado de total dependência do outro, de total "assujeitamento", leva o bebê a um primeiro momento de aceitação de regras simbólicas ("eu preciso me sujeitar a esse outro, para viver"). Em outras palavras, quando o mamar deixa de ter a função exclusiva de alimento e se torna uma forma de relação afetiva entre o bebê e o outro de função materna, já surge aí um movimento da "insondável decisão do ser". O bebê "decide" se alienar no desejo desse Outro, "decide" ser identificado como o falo Dele: " a criança é identificada ao falo do Outro".

Com a entrada dessa ideia de falo, a relação nunca será uma relação a dois, mas a três. Na relação do bebê com o Outro, o significante fálico sempre circulará e dará passagem para os outros tempos do Édipo.

Importante esclarecer que o falo não é o pênis. Apesar de, durante uma época, o pênis representar para a criança/menina algo de que ela foi privada ou algo que criança/menino pode perder, a significação do falo vai mais além: ele representa a possibilidade ou não de se ter acesso ao objeto de felicidade. Tê-lo – ter o acesso a ele –, supre a falta constitutiva. Não tê-lo é sentir essa falta.

Sendo assim, quando Lacan escolhe o significante fálico como mediador da relação do Outro com o bebê, é porque, para o Outro, a criança ocupa esse lugar de falo, ou seja, de objeto que supre a falta.

Quando identificada como objeto de desejo do Outro (de objeto fálico), a criança se inscreve psiquicamente em relação ao Outro no jogo da ausência e da presença elaborado por Freud e retomado por Lacan. Nesse jogo de presença e ausência do Outro de função materna (o jogo do *fort/da* mencionado antes), nessa separação que é sempre contínua, é que a criança dará início à constituição do EU, percebendo a diferença entre o Eu e o Outro. "Alienada como desejo fálico do Outro, a criança também se separa dele, inscrevendo simbolicamente que esse Outro não está sempre presente".

Quando esse Outro retorna, quando ele aparece, sua presença é inscrita como aquela que tudo pode dar à criança, como um Outro absoluto, onipotente. Se esse outro não lhe dá algo, é por capricho seu, porque ele não quer. Paradoxalmente, a criança sente apego e raiva em relação a esse Outro absoluto, o que ecoará por toda a sua vida. Isso explica as imagens idealizadas que as crianças costumam ter dos

pais como figuras fortes, inteligentes e onipotentes, garantias de amparo – como uma ilusão de completude – e a subsequente raiva/frustração que acontece quando, à medida que as crianças crescem, as exigências dos pais vão surgindo e se sobrepondo ao amor idealizado.

Nesse processo de apreensão do Eu, em que a criança se constitui pela presença/ausência do Outro e por suas regras que fazem com que ela se veja como um ser a parte, é que se cria a imagem preliminar de si mesma a qual Lacan chama de estádio do espelho. E é quando, também, surge o conceito de sujeito, que não se confunde com o Eu, e que não se deixa capturar pelo Outro.

"A criança recebe do Outro os significantes e as imagens para constituir uma imagem corporal que dê forma ao seu Eu, permitindo que as pulsões se organizem de modo narcísico. É um investimento libidinal de uma imagem que serve de unidade corporal para a criança."

O segundo tempo do Édipo

O segundo momento do Édipo trata da inscrição de que o Outro não é totalizante, momento em que há a queda da identificação fálica e a queda da idealização do Outro absoluto. Ele não é absoluto porque algo lhe falta e quando ele procura o que falta é num lugar que não o **Eu**. Sendo assim, **Eu** não sou aquilo que o completa. Se o Outro não é absoluto, ele leva o sujeito ao desamparo, mostra-lhe a dimensão da falta e lhe mostra que não pode ampará-lo em tudo. Surge aí o que Lacan chama de **Desejo da Mãe**.

Como já foi dito, essa mãe não é necessariamente a mãe biológica ou adotiva, mas qualquer outra pessoa que desempenhe essa função. É o próprio sujeito do Eu que escolhe o representante dessa função.

O primeiro tempo do Édipo se encerra quando o Desejo da Mãe já não é mais a resposta para os anseios da criança, e, por isso, torna-se um enigma para ela. Se no momento inicial do Édipo, havia os três elementos mãe + criança + falo, agora, no segundo tempo, entra o elemento pai. O pai, aqui, não representa o pai da realidade, mas aquele para quem o Outro (a mãe) dirige o seu desejo. "Eu não completo o outro porque o que o completa está em outro lugar", seria essa a lógica da criança.

No segundo momento do Édipo, o pai entra no lugar do falo, e o Outro, antes materno, passa a ser paterno. Lacan chama de **"Nome do pai"** o significante que desempenha a função paterna. Como explica Estevão, o que se tem aqui não é uma explicação sobre o que é o desejo da mãe, mas um novo significante que entra, para que a criança entenda o que é **o Pai**.

Para Lacan, o Pai é aquele que impede a mãe de tomar o filho como falo e, nesse sentido, a mãe aparece submetida à mesma lei que a criança. Para Freud, o segundo tempo é marcado por dois sentimentos edípicos: há a perda do lugar de amor exclusivo (é o fim do narcisismo) e há o ódio por aquilo que é significado como um agente interditor do amor do Outro (quando ocorre a castração).

O terceiro tempo do Édipo

A marca do terceiro tempo representa uma modificação na forma como a criança vê simbolicamente o pai. Se antes ela o via como o próprio falo, a partir de então ela o verá como o **detentor** dele. Em outras palavras, se SER o falo não permitia que a criança tivesse acesso ao pai – Estevão faz uma analogia aqui com o caso do Pai da horda⁵, abordado nas primeiras páginas de seu livro – TER o falo é diferente, pois possibilita não só o acesso ao pai como uma forma de obter o falo que ele detém.

O falo, vetorizado (simbolicamente representado), ficará mais tarde a serviço do sujeito, e nele se situará o seu ideal de eu. Na busca por ser o detentor do falo surge uma "escala fálica", um tipo de régua que medirá onde o sujeito acha que se encontra. Se ele se vê na base dessa régua, sente-se alguém fraco, desprezado; se ele se vê no alto da régua, se vê com prestígio, capaz de resolver coisas que os outros não.

Sendo assim, Lacan define o Édipo como uma constituição psíquica que se dá em torno de um vazio primordial, um vazio que ocorre por conta da impossibilidade de plenitude, e

⁵ O pai da horda é um mito que fala sobre um Grande Pai que era o único homem que podia ter relações sexuais com todas as mulheres. Os filhos não podiam praticar o sexo, exceto se, matando o Pai, assumissem seu lugar. Juntos, em vez de desafiarem o pai, os filhos o matam e comem o seu corpo. Depois disso, todos querem assumir o lugar do Pai morto, mas nenhum deles, sozinho, consegue vencer o coletivo. Dessa forma, o lugar do Pai torna-se um lugar simbólico, um ideal de plenitude inalcançável.

que, por isso, possibilita viver a sensação de falta. Junto a essa sensação de falta, vem também a esperança de recuperar o objeto faltante, que seria a posição de ser o desejo da mãe.

Essa falta, na verdade, é uma estruturação marcada pela negatividade, é um furo na nossa forma de operar a nível simbólico, que leva a um constante encobrimento pelo imaginário.

O negativo é o ponto nuclear da realidade psíquica. No centro desse sistema, Lacan aponta o objeto **a**, forma inventada por ele para dizer do objeto que se supõe perdido e que, se encontrado, daria acesso ao gozo pleno. [...] A fantasia, aquilo que Freud chama de cicatriz do Édipo, é para Lacan o resultado do processo edípico e diz respeito ao modo do sujeito se situar na realidade e, mais ainda,

BIBLIOGRAFIA:

Estevão, Ivan Ramos. **O complexo de Édipo**. São Paulo. Aller Editora. 2021.
Zimmerman, David E. **Fundamentos psicanalíticos**. Porto Alegre. Artmed. 1999.



Lacan para além do Complexo de Édipo

(João Clemente Moura)

O complexo de Édipo, ao lado do inconsciente, é, sem dúvida, o conceito mais famoso da psicanálise. Um cidadão possuidor de razoável cultura geral, que conhece, por exemplo, Mona Lisa, Tarzan e o Triângulo das Bermudas, certamente conhece o complexo de Édipo. Não são poucas as vezes, porém, que esta ideia de Freud é tratada com certo desdém ou até mesmo hostilidade: um contrassenso ou uma bizarrice sem pé nem cabeça.

Por isso, não é à toa que os psicanalistas, volta e meia, se veem em situações nas quais têm que explicar aos interlocutores curiosos, bem-intencionados ou não, que não é tão ao pé da letra que funciona o tal do complexo de Édipo, embora Freud realmente tenha elaborado sua teoria da forma como a colocou, sem margem para interpretações de sentido figurado: *a menina quer ser a amada do pai, e o menino quer a mãe só para ele*. Ponto. Sendo essa assertiva, para o criador da psicanálise, o “fenômeno central do período sexual da primeira infância”⁶, um fenômeno universal da experiência humana.

Ainda em vida, Freud foi alvo de críticas por causa de sua alegação de suposta universalidade do complexo, a mais notória delas, talvez, a do antropólogo Bronislaw Malinowski. O que faz sentido, pois, se levarmos em consideração somente a família vienense da *Belle Époque*, veremos que já existia uma realidade bem mais complexa do que a do simples triângulo idealizado pelo pai da psicanálise, composto só e invariavelmente por pai, mãe e filho, cada qual desempenhando seu papel definido.

Mais tarde, nos anos 1950, retomando o Complexo de Édipo, Claude Lévi-Strauss mostra a seu amigo Jacques Lacan que as proibições de incesto ou o “empuxo” à exogamia

6 Sigmund Freud. “O Declínio do Complexo de Édipo” em *Neurose, Psicose e Perversão*. Editora Autêntica. Página 259.



nas civilizações são, na verdade, uma consequência, um desdobramento da emergência histórica da função simbólica nas sociedades, que passaria a intervir em todos os níveis de existência do ser humano⁷. Era o princípio organizador da cultura — e ali estava o fundo de verdade da construção teórica de Freud: a introdução, na relação entre o ser humano e seu desejo, desta ordem simbólica, de um princípio matriz que fazia com que esse desejo tivesse que lidar com as regras do jogo, com determinações sociais pré-definidas, anteriores ao sujeito.

Você é filho de quem?

Uma pessoa sonha com uma criança, um neném deitado de costas, “como uma tartaruguinha revirada, a agitar os quatro membros”. Ao ouvir o relato deste sonho, Lacan afirma, sem pestanejar: “Essa criança é o sujeito, não há dúvida alguma”⁸. Ora, o que o leva a tal conclusão pronta e segura?

A certeza de Lacan vem de seu entendimento de que, na análise, em tudo o que se desenrola entre paciente e analista, o nível que importa é este no qual o paciente é uma criança, um filho⁹, quando considerada a dimensão simbólica — somos filhos de nossos analistas, de nossos pais, de nossa família, da escola, *children of the revolution*. Somos descendentes da história de toda a humanidade; da longa linhagem de cozinheiros, cientistas e exploradores que vieram antes de nós. Somos nascidos em um mundo onde as coisas funcionam devido a um acúmulo milenar de práxis. Trata-se, portanto, na análise, do sujeito em relação a este mundo que já está pronto quando ele chega, com cada pessoa, nele, ocupando papéis.

E qual será o papel a ser desempenhado pelos novos sujeitos que sempre acabam de chegar? Eles permanecerão em casa, com as “mães”, como diz Freud, “eternos bebês”, que “por toda a vida mantêm a reivindicação de serem alimentados por alguém”¹⁰? Ou irão se aventurar na rua, construindo seu

7 Jaques Lacan. “O Seminário. Livro 2: O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise”. Zahar Editora. Página 46.

8 Idem. Página 62.

9 Em francês, *enfant* significa tanto filho quanto criança, o que Lacan explorará bastante.

10 Sigmund Freud. “Uma neurose do século XVII envolvendo o demônio” em Obras Completas volume 15. Companhia das Letras. Página 270.

papel, lançando-se em ações que terão o “caráter radical do ato capaz de modificar as condições simbólicas que lhe deram origem”¹¹?

É necessário situar o centro da experiência analítica nesta conjuntura, a partir desse ponto de vista.

Vocês estão vendo que o que aí está em destaque não é, como sempre se tem tendência a acreditar, a dependência concreta, afetiva da criança com relação a adultos supostos mais ou menos parentais. Se o sujeito se coloca a questão do que ele é como filho não é para saber se ele é mais ou menos dependente, e sim se é reconhecido ou não, tendo ou não o direito de usar seu nome de filho de fulano de tal. É na medida em que as próprias relações onde ele se acha são levadas ao grau do simbolismo, que o sujeito se interroga sobre si mesmo. O problema se coloca, pois, para ele, na segunda potência, no plano da assunção simbólica de seu destino, no registro de sua autobiografia.¹²

O retorno a Freud

Esta abordagem acima é uma visão pragmática do complexo de Édipo. Podem-se dar outros adjetivos a ela, talvez mais apropriados, como “estruturalista”, “metafórica” ou “alegórica”. O que vale retomar aqui, porém, é que Freud considerava o complexo de Édipo em seu sentido literal, e como um dos pilares dos fundamentos da sua teoria — quem não pudesse aceitar isso como fato, disse Freud certa vez, “não deveria considerar-se um psicanalista”¹³. Na mesma ocasião em que fez tal declaração, Freud repreendeu Jung por considerar o complexo de Édipo em seu “valor apenas simbólico”¹⁴.

Não há, entre livros, artigos ou cartas, qualquer menção de Freud a casos de mães solteiras, por exemplo. Também não há, da parte dele – ainda bem – uma interpretação de *Oliver Twist*. Mas o fato é que é difícil encontrar um psicanalista hoje em dia que pense de maneira tão categórica — ainda mais se levarmos em conta que a realidade contemporânea se impõe como um fato aos sistemas de pensamento.

11 Maria Rita Kehl. “Ressentimento”. Editora Boitempo. Página 110.

12 Jaques Lacan. “O Seminário. Livro 2: O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise”. Zahar Editora. Página 63.

13 Sigmund Freud. “‘Psicanálise’ e ‘Teoria da Libido’” em Obras Completas volume 15. Companhia das Letras. Página 292.

14 Idem. Página 293.

Voltaremos a isso logo em breve, mas não sem antes trazer um pouco mais sobre o que Lacan afirmou sobre o complexo de Édipo, desta vez, em uma etapa mais avançada de sua trajetória, no Seminário 17.

Proferido no fim de 1969 e início de 1970, na esteira do rebuliço político vivido na França em maio de 1968, "O Averso da Psicanálise", de Jacques Lacan, condiz com o espírito do seu tempo e traz uma série de questionamentos sobre os ditos trabalhos sociológicos de Sigmund Freud, com o subtítulo "Para Além do Complexo de Édipo". Em sua fala, Lacan tece comentários menos diplomáticos do que de costume, ao, por exemplo, classificar o assassinato do pai da horda como "conversa fiada" e "palhaçada darwiniana" e apontar o "caráter inutilizável do Complexo de Édipo", entre outros enunciados do tipo. No entanto, por mais que possa parecer estranho, como tudo o que Lacan diz, suas palavras não foram sem propósito.

Ele parte da argumentação que, em seu trabalho, ele sempre tratou da "mãe" e do "pai" como metáforas:

O papel da mãe é o desejo da mãe. É capital. O desejo da mãe não é algo que se possa suportar assim, que lhes seja indiferente. Carreia sempre estragos. Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão — a mãe é isso. Não se sabe o que lhe pode dar na telha, de estalo fechar sua bocarra. O desejo da mãe é isso.

Então, tentei explicar que havia algo de tranquilizador. Digo-lhes coisas simples, estou improvisando, devo dizer. Há um rolo, de pedra, é claro, que lá está em potência, no nível da bocarra, e isso retém, isso emperra. É o que se chama falo. É o rolo que os põe a salvo se, de repente, aquilo se fecha.

São coisas que expus a seu tempo, um tempo em que falava a pessoas que tinha que tratar com cuidado, os psicanalistas. Era preciso dizer-lhes coisas assim pesadas para que as compreendessem. De resto, não compreendiam muito mais. Falei então nesse nível sobre a metáfora paterna. Nunca falei do Complexo de Édipo a não ser desta forma. Isso deveria ser um pouco sugestivo, não é?¹⁵

Então Lacan se pergunta — e aí está a questão — por que Freud fazia tanta questão de que as coisas se dessem não

15 Jacques Lacan. "O Seminário livro 17: O Averso da Psicanálise". Zahar Editora. Página 118.

como metáfora, mas, sim, *efetivamente*. E vai além, ao perceber que tanto o complexo de Édipo, quanto *Totem e Tabu* e *Moisés e o Monoteísmo* são teses que apresentam contradições de lógica em si mesmas, como também entre uma em relação às outras, mesmo que, porém, compartilhem um mesmo ponto: *são três histórias em que há o assassinato de alguém que exerce a figura de um pai*. Vale lembrar ainda, diz Lacan, que Freud afirmou que *A Interpretação dos Sonhos* surgiu após a morte de seu pai.

O complexo de Édipo é, para Lacan, um conteúdo manifesto, um semblante, um sonho de Freud.

E agora?

Nas palavras de Fabián Fajnwaks, no Seminário 17, Lacan trata o complexo de Édipo como uma "versão ficcional para dar conta de um real: a articulação de uma perda de gozo, de uma satisfação fundamental para o sujeito" e o remove do estatuto de estrutura central de articulação do desejo, deixando um vazio conceitual a ser preenchido somente alguns anos mais tarde com os nós borromeanos¹⁶.

Além da questão da função dos pais no complexo de Édipo, há também importantes desdobramentos para o estatuto do falo e da diferença sexual. Para citar apenas um exemplo destas questões, retornemos ao Seminário 2, a uma passagem onde Lacan vai dizer que a inveja do pênis é fruto da condição da mulher em uma ordem simbólica androcêntrica, condição esta por definição dissimétrica. Como, por exemplo, a mulher objeto de troca no pacto simbólico do casamento.

Não há melhor ilustração da função do *Penisneid* [inveja do pênis] — é na medida em que nela existe identificação com o homem imaginário, que o pênis adquire valor simbólico, e que vai haver problema. Seria um perfeito engano, diz o autor, acreditar que o *Penisneid* seja absolutamente natural nas mulheres. Quem foi que disse a ele que era natural? É simbólico, bem entendido. É na medida em que a mulher se acha numa ordem simbólica de perspectiva androcêntrica que o pênis adquire este valor.¹⁷

16 Fabián Fajnwak. "Jacques Lacan, Precursor das Teorias Queer" in "Psicanálise e Psicopatologia Lacanianas: Impasses e Soluções". Editora CRV. Página 22.

17 Jacques Lacan. "O Seminário. Livro 2: O Eu na Teoria de Freud e na

Ou seja, a criança ao se deparar com a presença ou ausência de pênis nas pessoas, vai criar fantasias, tentar achar um sentido, isso no meio das diversas outras fantasias que ela já tem. Em relação ao pênis, porém, ocorrerá uma associação entre esse e as relações de poder, a dinâmica doméstica.

P.S. Questionamentos

Se o complexo de Édipo é o sonho de Freud, como são os sonhos de cada analisando?

"Eu insisti frequentemente nisso, que nós somos suposto saber não grandes coisas. O que a análise instaura é justamente o contrário. O analista diz àquele que está para começar — *Vamos lá, diga qualquer coisa, vai ser maravilhoso*. É ele que o analista institui como sujeito suposto saber."¹⁸

Técnica da Psicanálise. Zahar Editora. Página 368.

18 Jacques Lacan. *O Seminário livro 17: O Averso da Psicanálise*. Zahar Editora. Página 55.

A precarização do trabalho como espécie de castração: brevíssimos apontamentos

(Clóvis S. de Souza)

“Então, vocês querem criar um sindicato?” “Se o patrão permitir”, respondeu Félix. “Quantos estão de acordo?” “Treze, senhor.” “Vá buscá-los. Quero falar com todos.” Na vastidão da memória, ninguém se lembrava de que peão algum tivesse penetrado na casa grande. Cobertos por seus ponchos, os camponeses sentiam que se excediam, mas não tiveram remédio senão entrar. “Que desejam, meus filhos?”, perguntou Don Migdonio, afavelmente. Silêncio. “Não se constanjam. Não me oponho ao sindicato. Não, não me oponho. Pelo contrário, eu os felicito. Vivemos uma época de mudanças. Todos queremos o progresso. brindemos ao sindicato!” A um sinal do fazendeiro, um criado entrou na sala com uma garrafa e copos para todos. “Vou brindar com o copo vazio. É que ontem me excedi. Saúde, rapazes!”, bradou jovialmente Dom Migdonio. Jaramillo foi o primeiro a desabar. Tombaram outros três fulminados e os demais revolveram-se na agonia de um retorcimento de tripas. “Filho da puta”, conseguiu dizer Félix antes de borrar-se com as tripas queimadas pelo veneno. O juiz, doutor Francisco Montenegro e o sargento Cabrera chegaram às seis horas da tarde escoltados por um piquete de guardas civis. Fecharam-se no escritório com Don Migdonio. O que o juiz, o fazendeiro e o sargento discutiram permanece até hoje em mistério. Para desmentir testemunhas que naquele distante ano de 1903 juraram ter visto os três saírem abraçados, rindo, os historiadores oficiais exibem uma prova irrefutável: um comunicado oficial das autoridades, informando que

os catorze camponeses tinham sido fulminados por um "enfarte coletivo". (Três momentos de um conto de Manoel Scorza sobre a criação do primeiro sindicato rural em Cerro de Pasco, no Peru, no ano de 1903)

Esse *paper* não revela pretensões de obra acadêmica, não apresenta estrutura sistematizada, não se preocupa com rigores metodológicos, com citações reforçadoras de argumentos de autoridade ou com uma profusão de notas de rodapé.

É texto pautado pela livre associação de ideias, seguindo uma certa lógica dadaísta em sua construção, atento à parêmia da pós-modernidade (ou hipermodernidade, como preferem alguns), sabedor de que "every reading is a misreading".

Pretende um recorte sobre a temática do Trabalho, mais especificamente, sobre a noção geral que a palavra, plurissignificativa por natureza, assume no uso corrente, qual seja, seja o de profissão, ofício, atividade laboral pela qual um indivíduo "ganha a vida".

Lembrando Freud, ao notar a polissemia da palavra *arbeit* (MENEZES, L. S.) – distinguindo o emprego em suas obras – trataremos aqui do *berufsarbeit* (trabalho profissional), sem adentrar aos meandros do *kulturarbeit* (trabalho da civilização), *trauerarbeit* (trabalho do luto), *traumarbeit* (trabalho do sono), dentre outros.

Deseja falar sobre o trabalho e suas implicações na vida social, lembrando que falar sobre trabalho ainda é, antes de tudo, falar sobre quem o realiza, sobre o ser humano. E falar sobre o trabalhador é dizer sobre si e o seu tempo, pois não é possível ler o mundo sem as próprias lentes grandes compradas no armarinho de sua época.

Assim, a história do ser humano – e de cada indivíduo em particular – é a história do (seu) trabalho: *tripalium*, em sua raiz etimológica, para que ninguém olvide – ao menos os de origem latina – todo o sofrimento implicado na repetição do exercício laborativo, forte na pena bíblica (Gênesis 3:19), nunca comutada, de que se deve ganhar o pão com o suor do rosto.

Também é uma história sobre o tempo (e lugares, uma das dimensões do tempo) já que o fazer humano resta sempre contextualizado e permeado por variegadas e infinitas

dimensões, conscientes ou não, desejadas ou não, permitidas ou proibidas.

Posta a questão, inobstante de maneira vaga e absolutamente larga, é necessário dizer, desde já, que o trabalho tal como o concebemos na presente quadra, ou seja, local de possível desenvolvimento pessoal e até mesmo de realizações meta laborais, de mobilidade social e ascensão econômica, com forte associação à noção de felicidade ("faça o que você ama e não trabalhará um dia", mote ancestral que ganhou ares de novidade na boca dos *influencers* digitais e dos *coaches* de ocasião), é tributário de uma cosmovisão de mundo que começou a se popularizar a partir da segunda metade do século XIX, mesmo assim, diga-se, para parcela reduzidíssima da população.

Relembre-se, por necessário, à época, o enorme contingente populacional de escravizados legalmente nos chamados países periféricos e os expropriados institucionalmente nas fábricas (trabalhadores de ganho, "assalariados"), pela então fortalecida Revolução Industrial nas economias centrais.

Para toda essa massa de seres humanos, o trabalho era regido pela Regra dos 3 Ps: (pouco) pão, (pouco) pano/*penny* e porrada/*pain*.

De toda sorte, para o homem dito livre (*rectius*, o que guardava algum grau efetivo de autodeterminação), o trabalho era simplesmente o que se fazia para ganhar algo, quase sempre dinheiro, e essa regra, ditada pela natureza das coisas, não trazia qualquer vezo de julgamento moral; contrário aos dias atuais, em que o trabalho precisa ser, e muitas vezes substituir ou ressignificar, pessoas, coisas, sentimentos e valores de todas as ordens; não simples meio para obtenção do numerário.

É dizer, via de regra, não se indagava sobre a felicidade no trabalho (certamente não como hoje), sobre o potencial transformador do trabalho na própria vida e na de outros, no impacto do trabalho na comunidade.

Sem essa carga tão alta de idealismo utópico no ambiente laboral, parece-me possível dizer que o trabalho não gerava o mesmo grau de sofrimento psíquico que experienciamos nas últimas décadas. Afinal, trabalho era apenas trabalho, ou principalmente trabalho – malgrado fisicamente extenuante, repetitivo e comumente mal remunerado.

O trabalho ocupava uma posição de centralidade na vida, mas não a nota de totalidade da qual hoje pretende se revestir.

Isso talvez explique o motivo pelo qual empregados, desempregados, empresários, autônomos, produtores rurais, estudantes, servidores públicos, pessoas em férias, jornais, governos, sociedade civil, enfim, todos pensem e falem tanto sobre o trabalho ou sobre a falta dele em suas vidas.

A bem da verdade, nem as crianças são poupadas, sendo sempre bombardeadas com a mesma pergunta: "Qual será sua profissão quando crescer?"

Nos encontros amorosos e sociais, lá está o onipresente trabalho.

Após a pergunta identitária inicial (afinal, precisamos chamar as pessoas por algum nome para que o diálogo se estabeleça) surge a "questão definidora" e suas variantes: "Você trabalha em qual área?" "Faz o que da vida?", ato subsequente, de forma quase imediata, uma segunda natureza nos é atribuída.

Doravante, não se é mais apenas um nome, um simples indivíduo.

Antes da descoberta de infinitas possibilidades sobre o outro e de si próprio em jogo dialético de adivinhações, é atribuído, *ipso facto*, um aposto, em uma espécie de totalidade perigosamente limitadora.

João, o advogado.

Maria, a médica.

Joana, a cozinheira.

José, o desempregado.

Daniel, o concursado

A partir da obtenção de um dado aparentemente simples, o interlocutor é capaz de arriscar julgamentos e considerações várias, não raro com propriedade, vez que inúmeras pesquisas sociológicas contemporâneas anunciam com foros de certeza que o ofício laboral de cada um parece determinar de modo decisivo algumas categorias centrais do viver, como crenças religiosas, viés político, opções de investimento. Em resumo: uma espécie de *weltanschauung* de orientação classista.

Ou externalidades mais mezinhas, mas não menos importantes, como padrão econômico remuneratório, local de moradia, possibilidades de acesso à educação, segurança alimentar, número de filhos.

O *homo sapiens* passa a ser visto pela pequena janela do animal *laborans*, o homem despersonalizado face ao trabalho, em uma sociedade em que o ser humano se torna apenas mais um instrumento de trabalho, alheio ao perigo de que "nenhuma outra capacidade humana é tão vulnerável". (ARENDR, H.)

Por esses motivos – e por outros de melhor conteúdo que certamente o leitor saberá enumerar – é que as pesquisas mostram que nunca, de modo geral, entre os que possuem alguma ocupação, se trabalhou tanto como na atualidade (salvante em alguns países nórdicos).

A crença de que o trabalho, como dimensão fundamental da existência, é definidora em grande parte dos contornos da vida parece assente no senso comum.

Não se trabalha apenas para viver, trabalha-se, inclusive, para (e até) morrer, e não apenas no sentido metafórico, frise-se.

Dados da OMS (Organização Mundial da Saúde) pontuam que atualmente 750 mil pessoas morrem por ano no mundo por excesso de trabalho, sendo a faceta mais visível desse mal a conhecida "síndrome de Karoshi", que assombra a sociedade japonesa, onde, desde a década de 1980, são absolutamente comuns jornadas laborais anuais superiores a 2.100 horas.

A par de explicações culturais e locais (v.g sociedade fechada e competitiva, alto custo de vida, altíssima exploração imobiliária, etc.) que parecem contribuir para o excesso de trabalho nas sociedades orientais, fato é que no mundo em geral relata-se uma escalada crescente das jornadas e das demandas laborais, atingindo indistintamente os trabalhadores, o que fez explodir nas últimas décadas o número de psicopatologias relacionadas ao ambiente de trabalho (para além da já agora tão popular Síndrome de Burnout), como excelentemente explicado por Dejours.

Dejours soube, como poucos, compreender a tarefa de mediação realizada pelo trabalho, que permite ao trabalhador a conservação e realização de si no mundo social.

Creio que isso joga novas luzes sobre o flagelo do desemprego, sobre a tragédia psíquica do indivíduo que não consegue trabalho e daquele que possui um mau trabalho (com toda a carga de subjetividade possível nessa adjetivação), pois, como bem percebido pelo Professor, o trabalho é "operador fundamental da própria construção do sujeito, colocado no centro da Psicologia, no mesmo nível que a sexualidade." (DEJOURS, C.)

Ou em retorno a Freud, em "O mal-estar na Civilização", a lembrança de que o trabalho é instrumento criado pelo homem para lidar com o seu desamparo – para além da sua face mais óbvia, qual seja, erótica e sexual – e conseguir viver em sociedade.

Arrisco dizer que quem (desejoso de obter) não alcança uma ocupação laboral que lhe confira cores à vida é uma espécie de castrado (não na acepção trabalhada pela psicanálise, mas na percepção do senso comum de uma falta que impacta imensamente a estrutura psíquica), assim como aquele que exerce um trabalho precário, irmão do não trabalho em suas múltiplas faltas, expõe a fragilidade e o patético do ser em sociedade.

Revela-se, pois, o paradoxo das sociedades alegadamente fundadas no primado da universalização e valorização do trabalho e seus corolários, mas que não conseguem oferecer ao trabalhador, em tese agente central desse mundo, condições mínimas de desenvolvimento, como mostram os treinamentos e processos formativos insuficientes e deficitários das empresas, os baixos salários, as cargas horárias inalcançáveis (cada vez mais os pais se atrasam na busca dos seus filhos nas creches e escolas), as reformas trabalhistas e previdenciárias que enfraquecem/ desregulam direitos e conquistas arduamente obtidas nas décadas passadas, a ameaça diuturna de extinção de postos e funções pelo desenvolvimento da inteligência artificial, a ausência de poderes decisórios mínimos no ambiente de trabalho, dentre outros.

Ninguém se iluda. Nenhum trabalhador está imune à nova (ou reeditada) precarização do mundo do trabalho e, portanto, em última *ratio*, da própria vida (tempo vital), já que, repise-se, o trabalho mais do que nunca foi erigido a uma categoria mais do que central da vivência humana.

O quadro é geral e atinge a todos em graus diferentes, independente da renda, labor ou grau de instrução. Cite-se passagem esclarecedora: "o regime escravocrata nas empresas tradicionais assumiu formas muito curiosas. O melhor escravizado é alguém que recebe um salário alto demais e tem consciência disso, ficando apavorado com a ideia de perder seu status" (TALEB, N.).

Palavras como pós-emprego, quarta revolução industrial e expressões afins anunciam com tintas de inevitabilidade, e não sem uma certa dose de perversão, que essa é a ordem posta.

Assim, em uma paisagem cuidadosamente montada de profecia autorrealizável, em que se repete à exaustão que o trabalho prescinde do trabalhador, não é de se espantar a ocorrência do Efeito Pigmeleão (ROSENTHAL, R e JACOBSON, L.) em grande parte dos ambientes laborais de diversas organizações, repartições governamentais e empresas ao redor do Mundo.

Não deveria causar espécie a colheita dos frutos do presenteísmo das psicopatologias do trabalho e do não engajamento, quando foram precisamente essas as sementes lançadas, de forma preordenada, ao campo das relações laborais.

Reconheçamos que o tema se presta a teses, não encontrando a devida acolhida nos limites estreitíssimos dessa quase redação, que guarda fidelidade ao enunciado nos dois primeiros parágrafos, comprometida a não formular conclusões nem arriscar possíveis soluções para as questões pontuadas.

Espera-se, tão-somente, marcar a noção central ventilada: a de que nos dias atuais, de forma mais evidente e sensível do que antes, o trabalho, o tempo e a vida (psíquica, notadamente) estão unidas em uma espiral autopoiética. Impossível dissociá-los.

A vida se percebe pelo contar entre o tempo e o não tempo se exteriorizando pela via do trabalho, e por ele é condicionada, limitada expandida, multiplicada e plurissignificada em um *eternum continuum*.

Sobre a leitura Lacanianana do Édipo Freudiano

(Dermeval Figueira)

“Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise” (“Discurso de Roma”), texto de Lacan de 1953, anunciava um vasto programa de releitura da obra de Freud em termos de palavra – um ato específico de fala – e linguagem – o sistema que permite a construção de frases, de que a linguística pretende ser a teoria científica.

Neste sucinto trabalho vamos tentar lançar alguma luz sobre dois pontos, a meu ver, essenciais da leitura que faz Lacan do Édipo freudiano, os quais aparecem em algumas passagens do Seminário 5, no capítulo “Os três tempos do Édipo”, como exemplos do projeto lacaniano de “significatização”, ou “linguisticização” da teoria psicanalítica.

Três tempos do Édipo, três modalidades da falta do objeto:

1. Pai	real	Castração imaginária
2. Mãe	simbólica	Frustração real
3. Pai	imaginário	Privação simbólica

(Esquema no Seminário 5 – pag. 178)

Na castração, o agente é o pai, e o objeto é imaginário porque não se trata de um corte efetivo, material, do pênis.

Na frustração, a mãe é o agente, simbólico, porque tal é o jogo presença/ausência (Fort – da), mas que num tempo imediatamente anterior detinha o poder mítico de satisfazer o sujeito com o objeto.

A privação é real, mas o objeto é simbólico: esse objeto que falta no real da privação só pode ser faltante em seu lugar na ordem simbólica. É a presença da falta (objeto pequeno a), enquanto que na psicose a falta é faltante, ausente.

O primeiro ponto dos dois acima referidos é que um dos personagens centrais do jogo edipiano das identificações, que é o pai (ou alguém que exerce sua função em caso de falta do mesmo), só é atuante na medida em que o objeto da

privação é algo simbólico, significante, que em consequência não é possuído por quem sofre a privação:

"Nossa recapitulação, da última vez, deixou a questão do desfecho favorável ou desfavorável do Édipo suspensa em torno de três planos, o da castração, o da frustração e o da privação exercidas pelo pai. Trata-se aqui do nível da privação. Nesse nível, o pai priva alguém daquilo que, afinal de contas, ele não tem, isto é, de algo que só tem existência na medida em que se faz com que surja na existência como símbolo." (Seminário 5 – pag. 191).

Privação de algo que o sujeito não tem explica-se por tratar-se de algo simbólico, significante.

E mais:

"A estreita ligação desse remeter a mãe a uma lei que não é a dela, mas a de um Outro, com o fato de o objeto de seu desejo ser soberanamente possuído, na realidade, por esse mesmo Outro a cuja lei ela remete, fornece a chave da relação do Édipo. O que constitui seu caráter decisivo deve ser isolado como relação não com o pai, mas com a palavra do pai." (Idem, pag. 199).

Vemos claramente que, para Lacan, o ponto essencial é aqui a relação da mãe "não com o pai, mas com a palavra do pai", e que o objeto do desejo da mãe é "possuído por esse mesmo Outro a cuja lei ela remete".

O segundo aspecto, qualificado por Lacan de "nodal no Édipo", aparece na seguinte passagem do Seminário 5:

"(...) um certo ponto que agora tentamos definir como nodal no Édipo. Vamos chamá-lo *ponto nodal*, já que isso acaba de me ocorrer. Não me ateno essencialmente a esse termo, o que quero dizer é que ele não coincide, longe disso, com o momento cuja chave buscamos, que é o declínio do Édipo, seu resultado, seu fruto no sujeito, ou seja, a identificação do filho com o pai. Mas há o momento anterior, no qual o pai entra em função como privador da mãe, isto é, perfila-se por trás da relação da mãe com o objeto de seu desejo como "aquele que castra", coisa que digo apenas entre aspas, pois o que é castrado, no caso, não é o sujeito, e sim a mãe." (Idem, pag. 191)

"Essa mensagem não é simplesmente o 'Não te deitarás com tua mãe', já nessa época dirigido à criança, mas um 'Não reintegrarás teu produto', que é endereçado à mãe."

(Idem, pag. 209)

O objeto do desejo da mãe é o falo, "objeto metonímico", diz Lacan, porque circula em todos os pontos da cadeia significante.

Sendo esse o objeto do desejo da mãe, vem daí "ser o falo" para a criança, que passa então do desejo do desejo da mãe, auto-referenciado (alienação assubjetiva, "identificação primitiva"), à posição de sujeito desejante de ser o falo.

"Como conceber que a criança que tem o desejo de ser objeto do desejo de sua mãe atinja a satisfação? Evidentemente, não há outro meio senão surgir no lugar do objeto do desejo dela." (Idem, pag. 207)

Na medida em que a criança não aceita a privação do falo efetuada na mãe pelo pai, mantendo sua identificação com o falo, "escolhendo" ser o falo, ela fica presa à onipotência materna, à posição de objeto em relação à mãe, não passa da alienação (desejo de desejo da mãe) à separação (desejo do sujeito).

Na situação inversa, a ação do nome-do-pai desloca a posição da criança para ter ou não ter o falo, passando afinal à sexuação e saída exitosa do Édipo com a internalização da metáfora paterna.

BIBLIOGRAFIA:

Lacan, J. – Fonction et champ de la parole et du langage em psychanalyse, Écrits 1, Seuil, Paris, 1966.

_____. – Seminário livro 5, As formações do inconsciente, Zahar, Rio de Janeiro, 1999.

_____. – Le Séminaire livre XI, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse, Seuil, Paris, 1964.

O complexo de Édipo e a lógica da castração

(Narjara Gonçalves)

Lacan inicia a segunda parte do Seminário 5, A lógica da castração, trazendo a importância da fala e da linguagem nos ensinamentos de Freud, assim como, a do significante na economia do desejo, na formação e na informação do significado, posto que o significante é constitutivo na significação, seu fundador, que junto com mais alguma coisa, confere autoridade à lei, a qual se articula ao nível do significante, que é o texto da lei, autorizado pelo Nome-do-pai, o pai simbólico, que subsiste no nível do significante, no Outro como sede da lei, que representa o Outro, ou seja, o Outro no Outro. Isso é expresso pelo mito do Édipo, que fornece a lei.

O Nome-do-pai funda a lei, é o significante que significa que, no seu interior, o significante existe em sua descontinuidade. Além disso, é do efeito do significante a característica da transformação do desejo, que passa e se exprime pelo significante, como significado. Na tirada espirituosa, desenvolvida na dimensão da metáfora, quer-se expressar algo, mas expressa-se algo diferente, e nesse algo há satisfação: o Outro reconhece a dimensão além, ratifica a mensagem que situa o desejo que, em razão do significante, não consegue ser significado. Assim, o Outro está no nível da lei como tal, designando uma para-almém da mensagem que, por vezes, pode surgir como inefável, mas que demonstra que o que está mais além se articula, basta apreender o que se demonstra como estrutura de fala, onde cada palavra carrega seu peso de significante, que relacionadas entre si, carregam o desejo na cadeia significante.

Uma metáfora é um significante que surge no lugar de outro significante, assim é o pai no complexo de Édipo. Esse é o pilar único e essencial do pai no Édipo, porque ele tem como função substituir o primeiro significante que foi introduzido na simbolização: o materno. Por ter aprendido a simbolizar a ausência e a presença da mãe e por ser um objeto parcial,



a criança pode dizer que a mãe vai e vem e, com isso, que tem outra coisa que mexe com ela, o objeto de desejo da mãe, que tem como significado o falo, apresentado pela via simbólica, metafórica, que se situa no inconsciente.

Assim, a metáfora paterna trata da colocação do pai como significante ou símbolo no lugar da mãe. A colocação do Nome-do-pai, de sua qualidade como procriador, situa-se no nível do simbólico, sendo assim, é importante que seja sancionado que uma criança surgiu de um coito da mãe com o pai. Através da simbolização, a criança desvincula-se da sua dependência efetiva do desejo materno e alguma coisa se institui, sendo subjetivada no nível primário, primitivo, algo que está conectado com a presença e a ausência da mãe, esse ser essencial no desejo da criança.

Nessa primeira simbolização, afirma-se o desejo da criança, que é o desejo do desejo da mãe. Assim, abre-se uma dimensão pela qual se inscreve virtualmente o que a mãe deseja em termos objetivos, no mundo falante, do símbolo. Isso abre para a criança a dimensão de que a mãe pode desejar algo diferente no plano imaginário. Assim, o desejo de Outra coisa entra de maneira confusa e virtual, a mãe deseja Outra coisa que não satisfazer o desejo da criança e, assim, a criança começa a palpitar para a vida. Aqui, a criança lê ou antecipa a satisfação de seus desejos esboçados pelo outro, numa adaptação de imagem à imagem, e faz-se necessário conceber o que o sujeito deseja de Outro... Tem algo a mais, que é a existência, que por trás da ordem simbólica, permite acesso ao desejo, que é um objeto específico, marcado pela necessidade instaurada pelo simbólico, que é o falo.

O desejo da mãe comporta um para-além que necessita da mediação do pai dada pela posição na ordem simbólica. A relação da criança com o falo se estabelece na medida em que o falo é objeto de desejo da mãe. O pai entra como aquele que priva a mãe de seu objeto de desejo, o objeto fálico, ele desempenha o papel de castrar a mãe pelo que ela não tem: o falo. A mãe é posta como objeto. Ao privar a mãe, é necessário que essa privação seja simbolizada, assim como toda privação real. Para que isso fique postulado é preciso que esteja projetado no plano simbólico como símbolo. Essa privação a criança aceita ou recusa, assume ou

não, e esse é um ponto essencial, que leva a um ponto nodal no Édipo, que não é o seu declínio.

No primeiro tempo do Édipo, a criança busca satisfazer o desejo da mãe, se identifica com aquilo que é objeto de desejo dela. A metáfora paterna age por si só, pois já está instaurada no mundo pela existência do símbolo e da lei, conforme a primazia do falo, mas de forma velada. Aqui, para agradar a mãe é necessário e suficiente ser o falo, e uma vez que o falo está situado em algum lugar da mãe, a criança tem que situá-lo.

No segundo tempo, o pai intervém efetivamente como privador da mãe, e o que retorna para criança é a lei do pai, no plano imaginário, onde a mãe é dependente de um objeto que o Outro tem ou não tem, que não é necessariamente o objeto de desejo da criança. Assim, a ligação que remete a mãe a uma lei que não é dela, mas de Outro, e o fato de o objeto de seu desejo ser possuído, na realidade, por esse mesmo Outro, a cuja lei a mãe remete, são a chave da relação do Édipo, constituem o caráter decisivo com a palavra do pai, e são a mediação na relação com a mãe, que é quem instaura aquele que faz a lei.

Do terceiro tempo, depende a saída do Édipo. O pai dá o falo pela sua condição de ser portador ou suporte da lei, dele depende a posse ou não desse falo pela mãe. Aqui, é preciso que o pai dê provas de que tem o falo, a lei, mas que não o é. Além disso, a mãe não é mais um objeto do qual o pai pode privar a criança, sendo o pai também objeto desejado da mãe. Por intervir como tendo o falo, o pai é internalizado no sujeito como Ideal do eu, o Édipo declina. Aqui, a metáfora paterna desempenha o papel esperado: institui alguma coisa da ordem do significante, que fica guardada na reserva e que terá sua significação desenvolvida mais tarde. No caso do menino, é necessário que haja uma identificação metafórica com a imagem do pai que é construída ao longo dos três tempos, porém, a menina não precisa fazer essa identificação. Assim, o Édipo pode ser transposto pelo menino, identificando-se com o pai, visto que ele possui o pênis e, pela menina, reconhecendo o homem como aquele que o possui.

Lacan afirma que ao falar de metáfora paterna, está falando do complexo de castração, e não do complexo de Édipo. Entendo isso no sentido de o Édipo ser o percurso que

o significante percorre para se fundar como tal, para fundar um sujeito falante, por ter como significante essencial o Nome-do-pai, que remete à falta, ao falo como privilegiado na ordem metafórica, que faz circular a cadeia significante que carrega o desejo. Lacan, ao afirmar que “é preciso ter o Nome-do-Pai, mas também é preciso que saibamos servir-nos dele” (163), me traz a ideia de que primeiro precisamos ter esse significante essencial, guardado em nosso inconsciente, para articulá-lo a outro significante e, assim, produzir algo novo, novas significações que se fazem necessárias diante das nossas frustrações, privações, faltas.

BIBLIOGRAFIA:

LACAN, J. A lógica da castração. In: LACAN, J. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. cap. 8-10, p. 149-203.

Édipo e castração. Estudar Édipo ainda?

(Renata Tucci)

É interessante pensar que mesmo em pessoas leigas a expressão “complexo de Édipo” atravessa o discurso em diversas situações. Na maioria das vezes, de forma bastante inapropriada, o complexo de Édipo é associado ao amor entre mãe e filho, vinculando-o especialmente ao ato sexual. Freud continua popularmente famoso como “aquele médico que só pensa em sexo” (é inevitável a associação ao ato sexual em si, desconsiderando o sexual psicanalítico que se encontra na ordem do desejo). Entendimento popular simplista e que coloca Freud e os psicanalistas em um lugar bem distante do caminho longo, árduo e bonito das elaborações freudianas, baseadas em grande parte de sua obra em sua própria análise.

Posteriormente, pacientes-chave para o estudo psicanalítico foram sendo profundamente estudados e, com eles, os conceitos foram sendo considerados de forma universal. Então nos resta aceitar a genialidade de Freud, que entre o final dos anos 1800 e até os anos 1930 nos ofereceu uma teoria que se mantém viva, mais do que nunca, apesar de várias tentativas de ataques, diminuições e questionamentos. Incluo nesses questionamentos, também a teoria sobre o Complexo de Édipo.

Nasio, em seu livro “Édipo – o complexo que nenhuma criança escapa”- diz:

“O Édipo de que eu vou falar é uma lenda que explica a origem de nossa identidade sexual de homem e mulher e, além disso, a origem de nossos sofrimentos neuróticos. Essa lenda envolve todas as crianças, vivam em uma família clássica, monoparental, recomposta, ou, ainda, cresçam no seio de um casal homossexual, ou até mesmo sejam crianças abandonadas, órfãs e adotadas pela sociedade. Nenhuma criança escapa do Édipo! Por quê? Porque nenhuma criança de quatro anos, menino ou menina, escapa à torrente das pulsões eróticas que lhe afluem e porque nenhum adulto de seu círculo imediato pode evitar ser o alvo de suas pulsões ou tentar bloqueá-las.”

Penso que muito dos questionamentos que surgem contra essa “lenda”, como chamou Nasio, venha do posicionamento dos próprios psicanalistas, que insistem em transmitir o legado de Freud – um homem que nasceu em 1856 e morreu em 1939 – como se o tempo não tivesse passado. Naquela época, Freud utilizava o modelo familiar patriarcal em seus textos e discursos, utilizando a família tradicional mãe, pai, filho, como exemplo. Então, o Édipo era sempre discutido com a relação mãe/filho, e a entrada do pai como fundamental para essa separação.

Essa configuração familiar, no entanto, vem sendo desconstruída há muitos anos, com a história acompanhando grandes transformações que convocam os psicanalistas a um novo lugar de fala (e, principalmente, um novo lugar de escuta): o feminismo, a discussão do patriarcado, as novas configurações familiares, a diversidade de gênero. Vamos famílias compostas por mães solteiras, duas mães, dois pais, mulheres transgênero gestando seus filhos, casadas com homens transgênero.

Considerando que a teoria freudiana prevê a entrada do pai para estabelecer a proibição do incesto e instituir a entrada à cultura, a pergunta que cabe aí, numa interpretação tacaña da teoria freudiana, seria: como fica a entrada do pai? Quem faz o papel desse pai? Lacan já estabelece uma releitura de Freud, considerando o significante “nome-do-pai”. A entrada do pai não necessariamente é a do pai (dono do espermatozoide que gerou a criança), mas sim de algum terceiro que exerça essa **função paterna**, ou seja, um terceiro que entre para separar a mãe do bebê, não necessariamente uma pessoa, mas também um outro compromisso, como, por exemplo, o trabalho da mãe. -

Como disse Nasio, *“não importa qual a configuração familiar/estrutural que a criança tenha. Algum adulto irá despertar, com seu afeto, a pulsão sexual da criança (e sexual no sentido de desejo, o que nos move), e da mesma forma, um adulto vai tentar bloqueá-las.”*

Com isso, minha ideia inicial aqui é sustentar que apesar de muitos questionamentos quanto à teoria psicanalítica ser “ultrapassada”, penso que muito disso venha mais da forma como a transmissão da psicanálise é feita por alguns psi-

canalistas, do que da teoria, propriamente dita, escrita e elaborada por Freud.

Lacan, como sabemos, já trabalha esses conceitos sob uma luz mais atual. E, frente a todas as mudanças vividas no mundo contemporâneo, trazer a teoria para as novas configurações não é anulá-la, mas sim atualizá-la, considerando todos os avanços progressistas que tivemos.

Falar sobre Édipo sempre será fator crucial para psicanalistas. Como disse Nasio: *“é a chave-mestra da psicanálise, é o conceito soberano que gera e organiza todos os outros conceitos psicanalíticos e justifica a prática da psicanálise”.*

Édipo e Castração em Freud e Lacan

O complexo de Édipo na obra de Freud aparece em diversos momentos distintos, desde textos iniciais, onde ainda não era nomeado – mas já mostrava indícios de sua estrutura – até textos mais posteriores em sua obra. Norma de Miguez (2007) escreveu uma tese de Doutorado (que posteriormente virou um livro), explorando minuciosamente o complexo de Édipo em Freud, discutindo a sua aplicação em tempos atuais.

Segundo a autora, o primeiro relato onde se pode encontrar uma aproximação daquilo que virá a ser o complexo de Édipo foi a Carta 69, endereçada a Fliess, quando Freud pontua que não acredita mais em suas neuróticas. Nesse momento, ele começa a perceber os fracassos em sua clínica, pois fica evidente que não são todos os pais que abusam sexualmente de seus filhos, e surge o questionamento se as cenas de sedução relatadas em sua clínica não seriam, na realidade, fantasias sexuais dos próprios pacientes. Esse foi o primeiro relato que indica a presença de desejos sexuais infantis e que comenta sobre a possibilidade da inversão da teoria da sedução: não seriam os pais que atentavam contra as crianças, mas as crianças que desejavam estar nessa posição. Outro aspecto interessante citado pela autora pode ser observado no Manuscrito N, anexo a Carta 64, de 24 de maio de 1897, onde Freud relata que observa o frequente desejo de morte dos pais, mais especificamente o desejo de morte da mãe, quando o relato vem de uma menina, e desejo da morte do pai, quando o relato vem de um menino.

Aprofundado em sua autoanálise, Freud, na carta 71 a Fliess, diz que encontrou nele próprio também o amor pela mãe e o ciúme do pai, e considera isso uma verdade universal. E evoca, pela primeira vez, o Édipo Rei de Sófocles.

Após as cartas, o tema aparece novamente na interpretação dos sonhos (1900), e ganha em corpo e conteúdo na apresentação dos três ensaios sobre a teoria sexual infantil, que merece pontuações específicas, pois não se pode falar de Édipo sem entender a sexualidade infantil.

Alguns comentários sobre a sexualidade infantil

Freud, no século XIX, foi capaz de desvendar o quanto as crianças já demonstravam sua sexualidade, desde a mais tenra infância. Partindo do princípio de que a sexualidade para a psicanálise é um vasto campo, manifestado em praticamente todas as ações do dia-a-dia, torna-se claro que o fato do sexual psicanalítico não é sinônimo do sexual genital (ato sexual em si). Ele está na ordem do desamparo do ser humano, tendo início praticamente junto com a vida. O ser humano nasce psicanaliticamente sexual, pois já é produto de uma sexualidade consequente da estrutura de sua mãe.

Ana Maria Sigal diz que *“em psicanálise, interessa-nos por um lado a relação da criança com a mãe, pela forma em que marca seu filho com seu desejo de natureza inconsciente, introduzindo nele a sexualidade; e por outro, como o pai, ou o terceiro, intervém para que se opere a separação desta relação, impondo a lei da proibição do incesto simultaneamente à mãe e à criança.”* A relação mãe/criança mostra-nos, desde o início, sua importância: a primeira mamada é um momento único. A primeira vivência de satisfação nunca mais será revivida, e é assim que o motor da vida dá sua partida para uma caminhada incessante em busca da primeira sensação de prazer. O desejo move nossos movimentos. A doce ilusão de buscarmos o total nos torna seres incompletos, mas vivos. Prontos para a próxima busca.

Desejar é necessário.

O desejo nos torna seres sexuais.

O estudo da perversão (desvio em relação ao ato sexual normal, pois há mudança do objeto sexual e mudança da função visando obtenção de prazer e não apenas reprodução) trouxe a Freud uma ideia de que todos foram perversos

e de que existe uma conexão total entre a perversão e a sexualidade normal. Na verdade, Freud verificou que os traços de perversão eram os mesmos vistos na infância, caracterizando a sexualidade da criança como perverso-polimorfa.

Para o estudo da sexualidade infantil, alguns conceitos são fundamentais: 1) Entende-se por pulsão uma pressão ou força (carga energética) que faz o organismo tender para um objetivo. 2) As pulsões sexuais caracterizam-se por diferirem do instinto, por não terem objeto pré-determinado e por não apresentarem finalidades definidas (não visam apenas a reprodução). 3) Já as pulsões de autoconservação representam o conjunto das necessidades ligadas às funções corporais essenciais à conservação da vida (fome, necessidade de defecar, de urinar, etc...). 4) Quanto à libido, caracteriza-se pela força ou quantidade de força da pulsão sexual.

A mamada realmente nos oferece condições de entender o quanto o bebê já demonstra características sexuais. Após mamar, o bebê mostra-se extremamente satisfeito, e Freud compara este estado com a experiência do orgasmo da vida adulta. Um fato interessante é notar que, em determinado momento, o bebê já não chora apenas porque tem fome, mas porque sente prazer com o ato da sucção. Freud diz que sugar o seio materno é o ponto de partida de toda a vida sexual.

Como forma de ilustrar o que acontece no aparelho psíquico, podemos dizer que, no polo sensível, teríamos as representações psíquicas das zonas erógenas, todo o tempo estimulando e gerando pulsão. Essas pulsões geradas sempre desejam a satisfação absoluta, mas esbarram na barreira do recalque e exteriorizam-se como atos substitutivos. Os elementos da pulsão são:

Fonte: representação psíquica da zona erógena;

Alvo: Satisfação absoluta;

Objeto: coisa ou pessoa;

Pressão: o motor é a libido.

Como zonas erógenas entendemos qualquer região do corpo capaz de ser sede de uma excitação sexual, e são mais representadas por aquelas regiões que permitem o encontro com o outro. Praticamente todo o corpo é uma grande zona erógena.

Levando em consideração que a sexualidade infantil se desenvolve de acordo com as necessidades biológicas e de acordo com o próprio crescimento da criança, Freud descreveu as fases da libido em fase oral, fase anal, fase fálica e fase genital. Para Laplanche e Pontalis, 2001, a fase libidinal é a etapa do desenvolvimento da criança, caracterizada por uma organização da libido sob primazia de uma zona erógena e pela predominância de uma modalidade de relação com o objeto.

Para cada fase, então, existem objetos reais que determinam a zona erógena. No caso da fase oral, a boca é o objeto real, e a zona erógena é a representação que a boca tem no aparelho psíquico.

As fases oral, anal e fálica constituem a organização pré-genital, que tem como características:

- 1- O objeto da pulsão, ou seja, para onde a pulsão se dirige é o mesmo que o objeto da autoconservação
- 2- A pulsão se liga a um objeto parcial
- 3- Marcada pelo autoerotismo

Cada fase tem sua zona erógena eleita e um modo de relação com o objeto (exemplo: fase oral – zona erógena predominante: a boca, modo de relação com o objeto incorporação).

A primeira fase da organização da libido é a **fase oral**. A satisfação oral vem a partir da necessidade orgânica da fome. Todas as mucosas e os movimentos ritmados são erógenos na fase oral. O modo de relação com o objeto é a incorporação. Para o bebê, é necessário engolir e ser engolido pela mãe. Isso é ao mesmo tempo ambivalente, pois existe a relação amor/destruição. O início da ambivalência é nesta fase, e é fundamental para o transcorrer da vida. Em todas as fases existe uma perda, e a perda da fase oral é representada pela perda do seio materno. Mesmo durante as outras fases da libido, traços da fase oral podem ser notados, assim como durante toda a vida do indivíduo. Nota-se bem essa fase da libido em adultos que praticamente não consideram o outro, caracterizando o aspecto da incorporação.

A segunda fase da evolução da libido é a **fase anal**, ocorrendo predominantemente nos 2º e 3º anos de vida. Existe a primazia da zona erógena anal (orifício anal). O prazer nesta fase está apoiado no reter as fezes, pois assim existe o prazer da mucosa, prazer de ejetar bruscamente, prazer nos

movimentos ritmados e fantasia de dominação e submissão (sado-masoquista). O modo de relação com o objeto é ativo/passivo (dar e receber; expulsar e reter).

Segundo Laplanche e Pontalis, 2001, a ligação entre sadismo e a fase anal se encontra, de fato, pois no sadismo o ato de destruir o objeto e mantê-lo, dominando-o, encontraria sua correspondência no funcionamento bifásico (evacuação/retenção das fezes).

Por fim, temos a **fase fálica**. Falo para a psicanálise é a função simbólica desempenhada pelo pênis. O termo pênis fica reservado para designar o órgão sexual masculino na sua realidade anatômica. A fase fálica tem grande importância, pois tem correlação com o **Complexo da Castração** e com o início e dissolução do **Complexo de Édipo**.

O início da fase fálica se dá com a percepção das diferenças sexuais anatômicas. Nesta fase, a relação ativo/passivo que predomina na fase anal torna-se fálico/castrado, pois existe apenas um órgão sexual (o pênis).

Essa fase tem papel essencial, pois o fim do Édipo no menino está condicionado pela ameaça da castração (interesse pelo próprio pênis e ausência de pênis na menina = medo da castração). Já na menina, a diferença entre os sexos provoca uma inveja do pênis (ressentimento com a mãe por não ter lhe dado um pênis), e amor pelo pai, (uma vez que ele pode lhe dar um pênis) (Laplanche; Pontalis, 2001).

A organização pré-genital se manterá ativa até o enlace do Édipo, quando então a sexualidade entra num período de latência. O destino da sexualidade infantil será o recalçamento de todos os desejos – a maior parte das experiências mentais anteriores sucumbe à amnésia infantil – *“o esquecimento que nos oculta nossa primeira juventude e nos torna estranhos a ela”*. Depois desse período, segue-se a fase genital ou organização genital, fase de desenvolvimento psicosexual caracterizada pela organização das pulsões parciais sob a primazia das zonas genitais.

Nesta segunda fase, de acordo com Ana Maria Sigal, *“a sexualidade ressurgue com força, apoiada desta vez pelas mudanças hormonais e biológicas que oferecem ao sujeito, desde a genitalidade, uma nova abertura para compreender os fenômenos do desejo. O primeiro tempo é o das pulsões*

parciais, tendo como pano de fundo a angústia de castração e a inveja do pênis, momento este fundamental porque se definirão os destinos da dissolução do Édipo e, como resultado desta implosão, se definirá o superego como seu herdeiro. O segundo tempo instala a sexualidade adulta, na qual ainda estão presentes formas da organização infantil."

Espera-se justamente que o indivíduo chegue à fase genital unificando o vivido até o momento, ou seja, organizando as pulsões parciais sob a primazia das zonas genitais. Mas nem todos os indivíduos conseguem este caminho. Uma das consequências é justamente a possibilidade da pessoa fixar-se em algum momento do desenvolvimento da libido, favorecendo, assim, o desenvolvimento de uma neurose.

Conforme Freud vai elaborando sua teoria, ocorre uma alteração do eixo teórico, onde os desejos incestuosos, edípicos, impõe-se em relação aos desejos perverso-polimorfos, autoeróticos ou não.

Segundo Nora de Miguelez, *"a neurose não está ligada exclusivamente a desejos incestuosos não superados. A etiologia das neuroses é pensada na dependência do recalcamen- to, e este pode incidir em todos os outros componentes da sexualidade infantil. Desse modo, nessa fase de Freud, quando escreveu os três ensaios, o Complexo de Édipo não só não tem nome, como também não é a única causa da neurose. Todos os desejos sexuais infantis, entre eles os incestuosos, podem levar ao desenvolvimento de neuroses se forem recal- cados e retornarem deformados como sintomas"*.

Em *Totem e Tabu* (1911-1913), Freud explicita a questão do horror ao incesto e do parricídio nos homens primitivos, articulando essa proibição do incesto e do parricídio à primeira ética humana na cultura e o surgimento da consciência moral. Nesse ponto, o Complexo de Édipo entraria não apenas no núcleo do desenvolvimento das neuroses, como também na origem da cultura.

Será em *O Ego e o Id*, onde Freud desenvolve a sua segunda tópica (Eu, Id e Supereu), mais especificamente no capítulo III, em que o Supereu será descrito como herdeiro do Complexo de Édipo. Nesse capítulo, Freud descreve o Édipo no menino:

"Simplificadamente, o caso se configura da forma seguinte para o menino. Bastante cedo ele desenvolve um investimento objetal na mãe, que tem seu ponto de partida no seio materno e constitui o protótipo de uma escolha objetal por "apoio"; do pai o menino se apodera por identificação. As duas relações coexistem por algum tempo, até que, com a intensificação dos desejos sexuais pela mãe e a percepção de que o pai é um obstáculo a esses desejos, tem origem o complexo de Édipo."

Neste texto, ele também aborda os termos Édipo simples e positivo e Édipo negativo e afirma que as relações de escolhas de objeto pertencentes ao primeiro período sexual e relativas a pai e mãe são muito complexas. Cita que dois fatores respondem por essa complexidade: a natureza triangular da situação edípica e a bissexualidade constitucional do indivíduo.

Com relação ao Supereu, Freud diz:

"o resultado mais comum da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo, é um precipitado no Eu, consistindo no estabelecimento dessas duas identificações, de algum modo ajustadas uma à outra. Essa alteração do Eu conserva sua posição especial, surgindo ante o conteúdo restante do Eu como Super-eu." Ele continua: "A relação do super-eu com o Eu não se esgota na advertência: "Assim (como o pai) você deve ser"; ela compreende também a proibição: "Assim (como o pai) você não pode ser, isto é, não pode fazer tudo que ele faz, há coisas que continuam reservadas a ele".

Ainda em o *Eu* e o *Id*, Freud usa o termo repressão do Complexo de Édipo, citando que não é tarefa simples.

"Como os pais, em especial o pai, foram percebidos como obstáculo à realização dos desejos edípicos, o Eu infantil fortificou-se para essa obra de repressão, estabelecendo o mesmo obstáculo dentro de si. Em certa medida tomou emprestada ao pai a força para isso, e esse empréstimo é um ato pleno de consequências. O Super-eu conservará o caráter do pai e quanto mais forte for o complexo de Édipo, tanto mais rapidamente (sob a influência de autoridade, ensino religioso, escola, leituras) ocorreu sua repressão, tanto mais severamente o Super-eu terá domínio sobre o Eu como consciência moral, talvez como inconsciente sentimento de culpa."

Já o Édipo na menina acontece de forma diferente, pois ela precisa passar por um tempo pré-edípico, no qual primeiro sexualiza e depois rejeita sua mãe, passa pela fantasia da dor da privação de não ter o falo, sente inveja do falo do menino, sexualiza o pai, sentindo desejo de ser possuída por ele, para posteriormente, sair do Édipo quando deseja outro homem que não seu pai.

Para resumir o exposto até aqui, bem como o percurso que Freud fez para chegar ao Complexo de Édipo, Nasio responde bem à pergunta - "O que é o Édipo?" - dizendo:

"que é a experiência vivida por uma criança, com cerca de 4 anos, que absorvida por um desejo sexual incontrollável, tem de aprender a limitar seu impulso e ajustá-lo aos limites de seu corpo imaturo, aos limites de sua consciência nascente, aos limites do seu medo e, finalmente, aos limites de uma Lei tácita que lhe ordena que pare de tomar seus pais por objetos sexuais. Passando pelo Édipo aceitamos dolorosamente que os nossos desejos jamais serão capazes de se satisfazer totalmente. Essa experiência fica registrada no inconsciente da criança e perdura até o fim da vida como uma fantasia que definirá a identidade sexual do sujeito, determinará diversos traços de sua personalidade e fixará sua aptidão a gerir conflitos afetivos."

Castração em Freud e Lacan

Segundo Laplanche e Pontalis (2001) esse é um complexo centrado na fantasia de castração, que proporciona uma resposta ao enigma que a diferença anatômica dos sexos (presença ou ausência de pênis) coloca para a criança. Essa diferença é atribuída à amputação do pênis na menina. A estrutura e os efeitos do complexo de castração são diferentes no menino e na menina. O menino teme a castração como realização de uma ameaça paterna em resposta às suas atividades sexuais, surgindo daí uma intensa angústia de castração. Na menina, a ausência do pênis é sentida como um dano sofrido que ela procura negar, compensar ou reparar. O complexo de castração está em estreita relação com o complexo de Édipo e, mais especialmente, com a função interditoria e normativa.

Toda a problemática do Complexo de Castração só encontrará espaço na teoria de Freud a partir do texto "A organi-

zação genital infantil" (1923) e "A dissolução do complexo de Édipo" (1924), apesar do termo Complexo de Castração já ter aparecido no texto Teoria Sexuais infantis de 1908 (Nora de Miguez, 2007), ao atribuir um pênis a todos os seres humanos, a explicação da diferença anatômica dos sexos só pode ocorrer pela castração. Nesse momento a universalidade do complexo ainda não é referida.

O Complexo de Castração torna-se nuclear para o Complexo de Édipo, resultando em sua dissolução, a partir da ameaça da castração nos meninos (o menino desiste de sua mãe, porque tem medo de ser punido com a perda de seu pênis; já a menina abandona a mãe, pois essa não pode lhe dar um pênis/falo, assumindo-se castrada, e volta-se para o pai.

Caramore, 2004, diz que "o falo é apresentado por Freud como a chave do complexo de Édipo, objeto ameaçado de perda para um e objeto de inveja para outro, para ambos os sexos, o falo é inscrito como faltante, bem como cita Lacan, 1959, p. 82 "[...]o Édipo entra em seu declínio na medida em que o sujeito tem de fazer o luto do falo."

Lacan concebe o complexo de Édipo como um processo que se desenvolve em três tempos:

1º tempo: Frustração (ser ou não ser o falo); 2º tempo: Castração (ter ou não ter o falo); 3º tempo: Privação (renúncia ao falo), e aqui, no terceiro tempo, estamos diante da saída que cada um encontra no impasse edípico, a solução diante da castração. E é a partir daí que se estabelece a escolha da sexualidade.

Além de descrever o Édipo em três tempos, Lacan coloca a castração no centro deste complexo. Ainda no primeiro tempo do Édipo, há uma relação que envolve três termos: a mãe, a criança e o falo. A criança está na posição de ser o falo como significante daquilo que falta à mãe, assim, em relação à privação materna, se situa a dialética de ser ou não ser o falo, objeto que preenche tal falta.

Não encontrei melhores palavras para descrever o processo em Lacan, como Camarore em 2004, que descreve:

"O pai, na função Nome-do-Pai, intervém aí, privando a criança do objeto do seu desejo e privando a mãe do seu objeto fálico, submetendo-a a uma lei que não é

dela, mas de um Outro. Até então, a criança era submetida exclusivamente à lei materna, lei ilimitada de desejo e gozo. Assim, a instauração da lei paterna se fará presente para a criança, como aquela que barra o excesso de gozo. Nesse momento inscreve-se uma nova lei: a lei da castração.

Destacamos, assim, o segundo tempo do Édipo, no qual o pai aparece através do discurso da mãe, como representante da lei. O corte realizado pelo pai, enquanto Nome-do-Pai, produz uma falta, falta simbólica. A criança, então, perde sua identificação fálica, o registro de ser o falo é substituído pelo registro de ter o falo.

Segundo Lacan, "a questão de ter ou não ter é regida (...) por intermédio do complexo de castração. Isso supõe que, para tê-lo, é preciso que haja um momento em que não se tem." (1957-8, p. 192).

Na saída do complexo de Édipo, terceiro tempo de tal operação, a criança se identifica ao pai como aquele que possui o falo. O pai é assim subjetivado pelo sujeito como ideal do eu. Desse modo, na saída do Édipo, a criança reconhece que não tem o falo, mas supõe que alguém o possui.

No encontro com a lei paterna, a criança é confrontada com a castração, que é a introdução de um corte simbólico, concernente a um objeto imaginário. Lacan fala sobre a metáfora paterna, que é a operação de substituição do significante do desejo da mãe pelo significante do Nome-do-Pai, que resulta na inscrição da lei da castração no Outro e na produção da significação fálica. Através da metáfora paterna, o falo passa de objeto imaginário a significante, o falo deixa de ser objeto de desejo da mãe para ser o significante do desejo do Outro. O sujeito que poderia ter sido definido como sendo o falo, não o é mais, ele falta a ser, é aí que ele não pode apreender-se, o sujeito então se interroga sobre o lugar que ocupa para o Outro: Che vuoi?, "que sou no desejo do Outro?". Mas o Outro não responde à questão, já que ele também é barrado e lhe falta esse significante.

Ao perceber a ausência do pênis na mãe, a castração do Outro, o sujeito por um lado aceita e por outro nega. O neurótico, então, coloca a fantasia no lugar da castração do Outro. "Com a presença da cortina, aquilo que está mais além, como falta, tende a se realizar como imagem. (...) A cortina assume seu valor, seu ser e sua consistência justamente por ser aquilo sobre o que se projeta e se imagina a ausência." (Lacan, 1956-7, p. 157). Essa cortina que vela a castração do Outro é o Nome-do-Pai, e é aí que o neurótico projeta sua fantasia."

Sobre a castração, diz Lacan, no seminário 4:

"A castração foi introduzida por Freud de uma maneira absolutamente coordenada à noção da lei primordial, do que há de lei fundamental na interdição do incesto e na estrutura do Édipo. Aí está, se pensarmos nisso agora, o sentido do que foi inicialmente enunciado por Freud. Foi por uma espécie de salto mortal na experiência que Freud pôs uma noção tão paradoxal como a da castração no centro da crise decisiva, formadora, principal, que é o Édipo. Podemos, no só-depois, nos maravilhar com isso, pois é certamente maravilhoso que só queiramos não falar disso. A castração só pode se classificar na categoria da dívida simbólica.

Para o futuro da criança é importante que a mãe dê ao filho o lugar de falo. No imaginário da mãe a criança tem que representar o falo, ou seja, ela é o objeto do desejo da mãe. A criança se vê como "rei da casa" sendo colocada nesse lugar. Em um determinado momento, a mãe volta a se interessar por outra coisa que não seja o bebê. Nesse momento, quando a mãe se interessa por outra coisa, a entrada do "terceiro" induz a retirada do bebê do lugar imaginário do falo. Primeira "ferida" narcísica.

A psicanálise gira em torno do buraco. Não há nada. E é em torno desse buraco, desse lidar com um vazio que jamais será preenchido, que ela surge. E justamente por não ter objeto, a psicanálise fala da ausência, do vazio, do buraco, do nada, ficando como grande questão a ser resolvida a forma de se viver com o que sempre falta.

BIBLIOGRAFIA:

1. Caramore, JF. Aspectos do luto no ensino de Lacan. Dissertação de Mestrado DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica – PUCRIO, 2004.
2. De Miguelez, NBS. Complexo de Édipo, hoje? Tese de Doutorado. Programa de Estudos pós-graduados em psicologia clínica. PUCSP, 2007.
3. FREUD, S. (1895b). "Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Ras-cunho G. Melancolia". ESB, volume I. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
6. ----- (1896). "Carta 52". ESB, volume I. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
7. ----- (1897). "Carta 64". ESB, volume I. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
8. ----- (1897). "Carta 71". ESB, volume I. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

9. ----- (1900). "A interpretação dos sonhos". ESB, volume V. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
- 10.----- (1905). "Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade". ESB, volume VII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
11. ----- (1913 [1912-1913]). "Totem e tabu". **ESB**, volume XIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
12. ----- (1916-1917). "Conferências introdutórias à psicanálise". Obras Completas, volume 13. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
13. ----- (1923). "O ego e o id". Obras Completas, volume 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
14. ----- (1923). "A organização genital infantil". Obras Completas, volume 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
15. ----- (1924). "A dissolução do Complexo de Édipo". Obras Completas, volume 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
17. ----- (1956-1957). **O Seminário, Livro 4, A relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
18. ----- (1958-1959). **O Seminário, Livro 6, O desejo e sua interpretação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.
19. ----- (1962-1963). **O Seminário, Livro 10, A angústia** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
20. Laplanche; Pontalis. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo, Martins Fontes, 4 ed. 2001.
21. Nasio JD. Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa. Jorge Zahar, 2007
22. Sigal, AM. Aula sobre sexualidade infantil. Departamento de Psicanálise, Curso Conflito e Sintoma, Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, Brasil, 1999.
23. Silveira ER. Luto e desejo. Correio da APPOA. 260, outubro de 2016. Disponível em https://appoa.org.br/correio/edicao/260/luto_e_desejo/373. Acesso em 14/01/2022.
24. Sófocles. Édipo Rei – Antígona. São Paulo: Editora Ática, 1988.

A reinvenção da vida

(Izaura de Fatima Machado Gazen, Lila Tatiana Queiroz de Carvalho Souza, Dayana Custódio Rodrigues, Felipe Sader, Andrea Garcia, Miriam Amorim, Juliana Antunes Medeiros)

Viver é reinventar. Reinventar sentidos e possibilidades. Reinventar o simples e o extraordinário. Reinventar o que aprendemos, perdemos, amamos e criamos.

Há, no entanto, situações em que reinventar torna-se muito, muito difícil. E cada vez mais essas circunstâncias se tornam comuns em nosso planeta. Em nossa Terra. São cenas de guerras, furacões, tsunamis, terremotos, fome, erupções vulcânicas, incêndios, secas, inundações e pandemias, numa mistura de apocalipse, descaso e abandono de autoridades e governos. Assistimos a esses eventos, como se fossem ficção.

É muito diferente quando estamos lá. Quando os montes de terra, lixo, lama e corpos estão em nossa rua, em nossas cidades, no alto das montanhas onde vivemos.

O desastre ambiental em suas consequências, muito se assemelha à guerra "que esfrangalha, eviscera, calcina, esquarteja e devasta [...] e ainda que a paisagem não seja feita de carne, prédios destruídos, são quase tão eloquentes quanto cadáveres nas ruas!" com nos diz Susan Sontag, em seu livro *Diante da dor dos outros*. Não por acaso, mas por sua extraordinária apreensão da constituição humana, Freud em *O mal-estar na civilização* ao mencionar os obstáculos à felicidade aponta que:

"O sofrer nos ameaça a partir de três lados: do próprio corpo, que, fadado ao declínio e à dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertência; do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças poderosíssimas, inexoráveis, destruidoras; e, por fim, das relações com os outros seres humanos." (FREUD, 1930, p.31)

Chama nossa atenção o fato de que ao mencionar as três fontes de sofrimento, Freud as aponte como distintas, sendo que, no contexto da guerra e da catástrofe ambiental, essas três poderosas ameaças ao princípio do prazer estão reunidas, potencializando as dificuldades de enfrentamento desse real.

Em 12 de Janeiro de 2011, sete municípios da região serra do Rio de Janeiro foram atingidos por 400 milímetros de chuva, em uma única noite. Organizações de defesa de direitos calculam que as perdas podem chegar a 10 vezes mais do que oficialmente informado. Retorno à condição primeira de desamparo.

Freud nos faz ver que desamparados chegamos ao mundo, e que essa condição coloca a todo humano numa relação de dependência de uma certa ação específica vinda do Outro, que o recebe em um berço de linguagem, marcando sua subjetividade a cada novo encontro, percorridos certos trilhamentos deixados pelas experiências de dor e satisfação. Encontramos, então, na ideia de desamparo, uma experiência fundante, estruturante do psiquismo e da condição humana. O trauma, por sua vez, está diretamente ligado ao estado de impotência e desamparo do sujeito, condição que se acentua nos cenários de guerras e desastres.

A guerra, assim como os desastres que hoje nos ensinam, deu a Freud a oportunidade de trabalhar e compreender as neuroses de guerra, que não sendo de etiologia sexual, eram da mesma ordem de outras neuroses traumáticas passíveis de se desenvolverem em pessoas que nunca estiveram em combate, aparecendo em tempos de paz, em função de algum outro grande evento. A repetição incessante da experiência traumática e dolorosa o faz reconhecer que nem sempre o psiquismo busca a obtenção de prazer e evitar o desprazer. Existe uma compulsão à repetição que também é importante, e é anterior ao princípio de prazer: uma tendência a buscar o nível zero de tensão, o inorgânico, o estado anterior das coisas.

Freud concedeu à cena primitiva uma importância crescente em sua obra. E Alain Didier-Weill (2012/1995) acentua que é pela visão que o furo simbólico no real é apreendido. Contudo, mediante uma nova operação, será possível ao sujeito substituir esse furo simbólico no real por um furo real no simbólico e, a partir do significante, criar o nada. Algo se estabelece num duplo movimento: num primeiro tempo, o sujeito é aniquilado pelo trauma. Num segundo tempo, por insistência do simbólico e do Nome-do-Pai, o sujeito integra duas mensagens contraditórias: há e não há.

Como esse *há e não há* inconscientes funcionam? O real pelo qual o corpo vem à cena será encadeado pelo simbólico e imaginário. Três registros, que se avizinham segundo um tipo de fronteira. Conforme aponta Alain Didier-Weill, estas distinções separadoras impedem a confusão caótica. Todavia, há situações, como a que apresentamos no curso deste trabalho, em que o real não é mais contido pelo imaginário e pelo simbólico, produzindo no lugar da separação, um contato. Nestes casos, estão em perigo a palavra, a imagem e o corpo.

A escansão é o que deve restaurar a transcendência dessas três separações. Escandir é transcender, é a distinção absoluta entre as três consistências, que, quando opera, estabelece uma interdição que torna impossível no sujeito um contato entre real, simbólico e imaginário. O que pode criar uma escansão, quando há contato entre o real e o imaginário e devolver vida ao corpo do deprimido, é o ritmo. O ritmo é o que há de mais assemântico e que não tem nenhum sentido.

Quando simbólico e imaginário deixam de estar separados, e o sujeito está sob a transparência do olhar do Outro, que o reduz a este objeto enrubescente de vergonha, o olhar fascinante que petrifica deve ser substituído por outro olhar, do qual o analista deve poder dispor e que vem a ser o olhar do pintor. O enigma do invisível que o olhar do pintor pode fazer aparecer é um segredo que não tem necessidade das sombras.

Por fim, quando há contato entre o real e o simbólico, e o sujeito perde a fala, o tipo de escansão que deve ser introduzida é aquela própria ao significante siderante. Didier-Weill aproxima a palavra siderante ao chiste, o que aponta para a possibilidade de restituir o suporte da palavra a quem perdeu a fala. E isso não é explicável. Exige feeling e sorte.

Em *O chiste e suas relações com o inconsciente*, Freud coloca em destaque duas palavras que lhe permitem compreender o próprio fundamento do chiste. Duas palavras que, em francês, Marie Bonaparte traduziu por sideração e luz. Uma palavra só se alça à dignidade do chiste à medida que percorre dois tempos lógicos diferentes: sideração (*verblüpfung*) e luz.

A sideração é esse poder através do qual a linguagem pode operar sua própria abolição, de tal forma que ao sentido de que é portadora, se substitua esse não-senso, cuja ocorrência Freud situa como a dimensão siderante do ininteligível, do incompreensível e do enigmático.

A expressão *Verblüffung* porta diversas significações. Em uma delas, não há a perda da palavra. No entanto, a surpresa só pode ser expressa em termos negativos: é inacreditável, é incrível, é inédito. Em outra significação, há um caráter provisório da suspensão da fala, que é próprio do espanto, de um instante efêmero no qual o sujeito foi desabitado pela fala.

A terceira significação da *verblüffung* designa um tipo de sideração, cujo tempo de latência não é provisório e cuja ausência de réplica do sujeito tende a se instalar na duração, de maneira que não corresponde mais à duração própria do espanto. A perpetuação do silêncio hipoteca o devir. O sujeito, invadido pelo significante, sucumbe ao que Lacan chamou de gozo do Outro.

A *verblüffung* designa, segundo Alain Didier-Weill, um modo de entrada no gozo que coloca o sujeito frente a uma escolha: ou ele permanecerá nesse gozo, se entregando à posição mística de uma relação absoluta com o não senso, ou se arrancará ao gozo do Outro para alcançar essa outra forma de gozo que é o tempo do sentido inconsciente, tempo da luz do chiste.

Em 2011, atuando em psicologia de emergências e desastres, visitamos comunidades de agricultura familiar, e tanto elas quanto comunidades vizinhas estavam sideradas pela catástrofe. Nenhum significante além dos que gravitavam em torno da morte e do morrer faziam eco nesses lugares. O real monstruoso – águas, rochas e lama – se apoderou do mundo, chegou num instante, num súbito, que não contemplou nenhuma indecisão. Na fração de um relâmpago, o mundo tal qual era conhecido desapareceu. Em seu lugar, ficaram as cicatrizes.

O susto se dá diante dessas marcas ou da ausência delas, como o que vimos em bairros e cidades desfigurados pela enxurrada. Em toda parte, falta. Em toda parte, há a ausência que permanece, porque há pessoas que nunca foram encontradas. E isso fala não apenas da ausência, fala do de-

saparecimento também. No desaparecimento, não apenas está perdido o direito ao ritual de despedida, ao funeral, mas também o direito de estar juridicamente morto.

Nas ações de solidariedade no pós-desastre nos municípios de Nova Friburgo, Teresópolis e Petrópolis, oferecemos a esses sobreviventes um conjunto de atividades, incluindo voz e corpo, espaço de acolhimento e escuta, reconhecimento de si e do território, então modificado pelo desastre. Nessa situação de imensurável desamparo, o simbólico se ofereceu de muitas formas: ONGs, organizações religiosas, voluntários, todos com alguma eficácia, porém com pouca elaboração em termos teóricos, tanto na montagem dessas generosas ofertas, quanto na compreensão dos processos a elas implicados.

Quase dez anos se passaram. A produção discursiva acerca do tema é ainda bem modesta e mais exaustivamente construída pela psicologia social e pela sociologia. Os conselhos de psicologia investem em uma psicologia de emergências e desastres. Na sociologia destaca-se no Brasil a produção de Norma Valêncio com vários livros sobre o tema de emergências e desastres. Todos dedicando significativos esforços para compreensão da tragédia humana resultante dos desastres.

Esperamos que nosso interesse pelo tema possa ser compartilhado e que outras contribuições venham enriquecer nossa incipiente discussão. No desastre na região serrana, atuamos de forma multidisciplinar, contando com a presença de profissionais de outras abordagens teóricas que participaram dessa construção coletiva.

No entanto, ao nos depararmos com a produção teórica de Didier-Weill, nos dedicamos a acompanhar seu pensamento e entendemos que esse se constitui em uma ferramenta fundamental para afinar nossa escuta e implementar um dispositivo bem montado capaz de acolher e ouvir grupos e comunidades siderados por desastres, quer sejam ambientais ou de outra ordem. Entendemos que aqui há um lugar onde a psicanálise pode intervir nos momentos em que, diante do risco, do desamparo e da ruptura, somos bem-vindos e benditos por nosso cuidado, saindo do nosso lugar suposto. Esse momento é aquele em que nos deparamos com o trágico, com o extremamente frágil, com o insustentável.

Particularmente, com os eventos traumáticos que afetam o vivente pessoal e coletivamente, produzindo uma ruptura no curso da vida, marcando indivíduos e comunidades.

Aprendemos que as palavras carregam significações as quais precisamos estar atentos e, no caso do “desastre” – que quer dizer *sem astro*, podendo ser estendido a *sem luz* –, pensamos que aqueles que estão siderados por ele, vivem uma experiência na qual se perdeu não somente o suporte da fala, mas também o suporte de sua imagem e do corpo próprio. O sujeito siderado é pura falta. Ele não é mais determinado pelo desejo e, por isso, é trazido de volta a um estado de indeterminação pré-existencial no tempo da escolha inconsciente.

A sideração seria, assim, um acontecimento de regressão temporal, em que o sujeito reataria com esse tempo pré-histórico em que ele não era senão um único significante: o significante do recalçamento originário. A de-sideração, portanto, seria esse ato humanizante pelo qual, nessa latência que Freud situa entre sideração e luz, o sujeito não subsistiria no nível de um só significante, na medida em que encontraria sua divisão entre dois significantes. Para ter uma relação qualquer com o objeto que falta, objeto causa de desejo, o sujeito deve, de fato, ser dividido entre dois significantes que o introduzem ao semidizer da verdade. Cessando de ser a falta, não cessará de ter uma relação com a falta, mas ela o instituirá como desejante, como de-siderado.

Recebemos o encorajamento da transmissão de Didier como um convite a pensar tanto a reinvenção da vida quanto a reinvenção da experiência psicanalítica para além dos seus espaços tradicionais, acolhendo e oferecendo uma escuta para sujeitos que se encontram siderados, para que eles possam ascender à luz, ainda que saibamos da impossibilidade de elaborar totalmente seu sofrimento, pois haverá sempre um resto não simbolizável.

No alto das nossas montanhas, a vida continua sendo inventada e reinventada. Nos reencontramos em preciosas descobertas, cheios de expectativas no desabrochar de uma flor, no germinar de novas sementes. Com criatividade e muita coragem, os sujeitos em suas comunidades foram, entre avanços e recuos, encontrando caminhos por onde

sustentar seu desejo de permanecer em suas terras e prosseguir com seu trabalho, reconstruindo pontes simbólicas e imaginárias. Criaram rádio comunitária; se incluíram em clubes de rádio amador; participaram de projetos de produção de plantas medicinais e fitoterápicos; se associaram para defender seus direitos de morar, trabalhar, pertencer, formar laços, se encontrar e ter esperança.

O tanto de força, coragem, desejo e vida que comparece entre os que atravessaram a escuridão do desastre de 2011, permite pensar no quanto a morte dá e confere sentido à vida, que se torna tão mais bela por que, inquestionavelmente, tem fim.

[1]Sontag, S. Diante da dor dos Outros

BIBLIOGRAFIA:

- DIDIER-WEILL, Alain. Os três tempos da lei: o mandamento siderante, a injunção do supereu e a invocação musical. Tradução Ana Maria Alencar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.
- _____. Lacan e a clínica psicanalítica, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Contra Capa/ Crpo Freudiano – Seção Rio de Janeiro, 2012.
- FREUD, Sigmund. (1950[1895]) “Projeto para uma Psicologia Científica”. In: Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, volume I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1905) “Os chistes e sua relação com o inconsciente”. In: Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, volume VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1920) “Além do princípio do prazer”. In: Obras psicológicas, volume 14. Tradução Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. (1930[1929]) “O mal-estar na civilização”. In: Obras psicológicas, volume 14. Tradução Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Questões sobre *alíngua* materna e a língua paterna, o rastro de Tyche em Automaton.

(Verônica Cavalcante Pessoa de Melo)

O humano nasce no mundo da linguagem, mas ainda não é capaz de fazer uso dela, pois, para tal, o bebê precisará de um vínculo afetivo, constituindo-se do *desejo-da-mãe*, exercido através da figura materna da realidade. Caso não haja desejo-da-mãe ou, ao contrário, ocorra em demasia, todo o processo de socialização fica comprometido. A mãe, no exercício da *função materna*, recebe o bebê, que inicialmente se funde com ela e com o ambiente, sem se reconhecer como uma unidade ou como uma alteridade, sem dominar a linguagem, mas já sendo falado pela língua da mãe, contornado por ela, o que o mantém vivo e no mundo humano. A *preocupação materna primária* é um conceito desenvolvido pelo psicanalista Winnicott (1978), que, em resumo, aponta a necessidade da díade que se estabelece entre mãe e filho, logo após seu nascimento, que garante à criança seu bom desenvolvimento. Nessa fase, para esse autor, a mãe se encontra em um estado de sensibilidade aumentada, onde só há ela e o bebê e, após certo tempo, se recupera desta condição quase dissociada da realidade. A língua falada pela mãe é, segundo Nasio (1993), a língua da pele, relativa aos cuidados com o corpo, que vai envolvendo o recém-nascido em uma língua muito peculiar. Safatle (2017) pontua que os vínculos aí estabelecidos não são importantes apenas no nível dos cuidados, mas também por sua possibilidade de oferecer espaço para produção de fantasias.

Winnicott (1978) nos alerta sobre as características da *dependência* do bebê da figura materna, explicando que se



trata de uma dupla dependência, uma primeira, quando a criança sequer reconhece a dependência por ser a mesma absoluta e uma segunda, que ocorre quando, em algum grau, a criança já reconhece sua dependência. A partir desta concepção, Winnicott (1978) explica que o caminho para a independência não é progressivo, mas um vai e volta, e não é algo inato, este crescimento só tem lugar se alguém desempenhar a função materna a contento. Diante desta constatação, ele traz o conceito de *integração*, algo que não é garantido, que vai se constituindo a partir de um estado primário não integrado. Integração e *não-integração* ocorrem simultaneamente, com o amparo da mãe, contudo, é possível que o que se tenha conquistado/integrado, se desintegre e a desintegração é dolorosa e danosa.

Quando o bebê emerge da fase de dependência absoluta e começa a relacionar-se com outras pessoas separadas completas, o pai torna-se importante para ele enquanto pessoa; parte desta importância reside no fato de que, embora o pai seja uma figura familiar para o bebê, ele é essencialmente diferente da mãe, a partir de quem o bebê cresceu. (DAVIS; WALLBRIDGE, 1981, p. 149)

Com o tempo, a fusão materna se encerra e a criança terá capacidade de se ver como uma unidade e reconhecer os outros como pessoas separadas, mas a mãe ainda carrega uma possibilidade subjetiva, por estar sempre disponível, para uma volta ao estado de fusão. O pai será o agente que viabilizará esta separação, operando como um "*ambiente indestrutível*" (WINNICOTT, 1978) para a criança pequena.

Nasio (1993) conclui que a figura do pai é um dos protótipos mais notáveis da exclusão. O Nome-do-Pai é um elemento que *ex-siste*, que é exterior ao conjunto, que lhe confere uma borda, organiza sua trama e, como não está no conjunto, lhe faz um furo. Este significante de exclusão confere consistência ao conjunto de significantes e permite sua movimentação. Zafirooulos (2018) ensina que Lévi-Strauss aponta um significante de exceção, dotado de um valor simbólico zero, que não tem nenhuma função, senão permitir à sociedade existir. Para o autor, Lacan considera que o neurótico encontra no pai o valor zero, cuja forclusão governa as psicoses.

Calligaris (2020) faz considerações interessantes sobre o que chamamos língua materna, como normalmente nomeamos a língua falada no país em que nascemos, como o português, o inglês, o italiano, etc, que para ele, na verdade, deveria ser nomeada como língua paterna, pois a língua materna não é essa. O psicanalista toma como exemplo para explicar seu ponto de vista o caso de Louis Wolfson, autor do livro *Le Schizo et les langues*, onde, segundo o psicanalista, aquele relata como se defendia da voz da mãe que dizia palavras que o crucificavam. Calligaris (2020) apresenta o modo como Louis conseguia se proteger da voz, fazendo uma tradução simultânea usando quantas línguas quisesse, mas tendo que preservar o som da frase que a mãe tinha dito. Uma espécie de tradução simultânea em várias línguas, podemos dizer, línguas paternas, mantendo a similitude fonética, pois, assim, sentia-se protegido das palavras da mãe. Tentando traduzir com uma liberdade controlada *alíngua*-materna através das *línguas paternas* para se proteger de um engolfamento total. Zafirooulos (2018) pondera sobre os delírios de filiação, no plano clínico, visando suprir a ausência do Nome-do-Pai como operador.

Alíngua tem, portanto, um lugar estrutural de significantes que pertencem ao mesmo conjunto da linguagem, mas são elementos que operam de modo diferente, pois não se encadeiam. Para haver encadeamento é preciso a função semântica, que permite ao pensamento simbólico se exercer, função exercida pelo significante Nome-do-pai. De acordo com Zafirooulos (2018), é quando Lacan se engaja na pesquisa sobre as psicoses, a partir da forclusão do Nome-do-pai, que ele observa o que este operador sustenta na neurose, que Lacan chamará de ponto de estofo: "(...) se Lévi-Strauss menciona uma espécie de *"complementariedade"* entre significante e significado, Lacan recorre ao vocabulário do artesão colchoeiro para formular o que toca esses dois movimentos." (ZAFIROPOULOS, 2018, p. 283) Para o autor, Lacan aponta que é possível que na psicose o significante e o significado se apresentem completamente separados, que o significante de exceção não opere o ponto de costura. O autor alega que o etnólogo identificou a função semântica a um significante de exceção que permite ao pensamento simbólico se exercer e daí, Lacan deduz o estofamento,

a costura operada por esse significante de exceção. A forclusão deste significante, deste operador, inviabiliza esta costura.

Alíngua opera com significantes não submetidos a esta costura, não encadeados, contudo, podem comparecer como lapsos na associação livre (FIGUEIRA, 2020). Pergunto: será que alguns encadeamentos ou uma interpretação do analista podem atrair a presença de um significante solto? Didier Weill (1997) pontua uma operação de suspensão para que o significante siderante possa comparecer na cadeia associativa, o sujeito precisa “esquecer” dele, até que uma metáfora o faça brilhar poeticamente, assim como um resto diurno, que passa ao largo, durante o dia, e que encontra um lugar de aparição em um sonho. O significante siderante comparece como presença de ausência, que não se encadeia como deveria, que desconcerta a repetição significativa de Automaton. Contudo, como lapso, pode deixar na cadeia um rastro, que é diferente do resto, não há resto, há um rastro, um indício de sua não presença, inferido a partir de seus efeitos, uma ruptura de Tyche na cadeia sob a regência de Automaton. Como a integração e não-integração simultânea, que Winnicott (1978) aponta no espaço de funcionamento mãe-bebê, que é diferente da desintegração. É possível que algo estranho ao funcionamento simbólico, operado pelo Nome-do-pai, se arranje sob uma outra lógica?

Para haver o simbólico, o automatismo dos significantes, o significante de exceção opera a função semântica de costura dos demais significantes, porém, será possível que alguns significantes que não estejam submetidos a essa forma de repetição, compareçam em uma modalidade de repetição que constitui uma descontinuidade súbita? Nas palavras de Didier-Weill (1997), trata-se do espanto, efeito de destituição subjetiva produzida por um significante especial, siderante. Ele não suscita a lembrança do espanto anterior, é uma fratura da continuidade. Didier-Weill diz que o significante siderante é o passador possível do Real.

Estes significantes não operados pela função semântica do Nome-do-pai, não submetidos nem a metonímia, nem a metaforização no âmbito do simbólico, podem se organizar em sintomas psicóticos no neurótico? Ou podem se arranjar a partir de uma outra lógica não operada pela

função semântica? Nasio (1993) explica que os psicanalistas muitas vezes se defrontam com sintomas tenazes, que se cristalizam no lugar do Um, que cria uma estagnação do sistema significativo como nas doenças psicossomáticas. Didier-Weill (1997) demonstra uma possibilidade de operação de espantosa descontinuidade siderante que pode ser portadora de uma metaforização, porém, não psicanalisável, mas capaz de uma criação poética. O que poderia marcar a diferença para um significante desencadeado fazer-se um sintoma no corpo ou fazer-se criação poética?

BIBLIOGRAFIA:

- CALLIGARES, C. Instituto CPFL, palestra proferida em 24 de novembro de 2020, no lançamento de seu livro, Hello Brasil! e Outros Ensaio: Psicanálise da estranha civilização brasileira.
- DAVIS, M., WALLBRIDGE, D. Limite e espaço: uma introdução à obra de D.W. Winnicott. Rio de Janeiro: Imago, 1981.
- DIDIER-WEILL, A. Os três tempos da lei: o mandamento siderante, a injunção do supereu e a invocação musical. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- FIGUEIRA, D. Discussões de textos promovidas pelo responsável, Demerval Figueira, no grupo de estudos Língua – Lá língua LaLangue do Corpo Freudiano.
- GARCIA-ROZA, L.A. Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- NASIO, J.D. Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- SAFATLE, V. Introdução a Jacques Lacan. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- WINNICOTT, D. W. Textos selecionados: da pediatria à psicanálise. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1978.
- ZAFIROPOULOS, M. Lacan e Lévi-Strauss: ou o retorno a Freud (1951-1957). 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.



Literatura



Flor de lótus

(Renato Mattos)

Oliver levantou às 06h45, como de costume. Olhou pela janela e, como sempre, Amsterdã estava envolta naquela névoa característica do fim da primavera. Mesmo o seu apartamento não sendo muito alto, parecia que estava avistando a cidade por sobre as nuvens. Já dentro do banheiro, olhou pela janela e viu o termômetro do Hotel da esquina, que marcava 9°C. A mesma temperatura dos últimos 10 dias, o que o fez imaginar se o termômetro não estaria parado. Aliás, parecia que sua vida estava parada e, por um momento, teve dúvidas se aquela imagem não seria a mesma dos últimos dois meses, desde que havia chegado.

Oliver resolvera abandonar sua vida no Brasil, deixando para trás a mãe que ficara viúva de seu pai há cinco anos. Fora uma decisão difícil, pois laços sufocantes o uniam a ela. Quase uma obsessão, pelo fato dele se parecer muito com o irmão que sumira do mapa aos 18 anos, fugindo com uma prima distante da Alemanha, que nem sequer falava o português. A mãe dizia que o filho fora sequestrado por causa de suas raízes judaicas. Ela não suportava o fato de ter sido abandonada por seu primogênito e ficado sozinha com o marido e o caçula, que não passava de um adolescente alienado dado a escrever poesias e ler autores russos. A diferença de idade entre os filhos era de 15 anos, e ela fazia questão de dizer que o mais novo fora um acidente e não deveria ter nascido.

Oliver desceu as escadas do prédio e foi até os fundos buscar sua bicicleta. Absorvera com muita facilidade o costume de Amsterdã de se locomover sobre duas rodas, mais por conta de restrições orçamentárias do que por consciência ecológica. Havia comprado a bicicleta de uma senhora que se afeiçoara a ele, mesmo sem saber falar uma palavra do seu idioma. Ele tinha uma paciência especial com os idosos, cultivada dia após dia nos cuidados que sempre prestara à mãe solitária. O curioso foi que uma semana depois da compra da bicicleta a senhora veio a falecer – parecia que, de al-

guma forma, ela já previa o seu destino – deixando o rapaz com medo de que os herdeiros pudessem pensar que ele se apropriara indevidamente de um bem seu.

O caminho da casa de Oliver até o trabalho era muito bonito, cortava os canais do rio Amstel e podia ser percorrido, em média, em apenas 10 minutos. Mesmo assim, ele demorava até meia hora para chegar, pois, em sua mente, encarava todas aquelas vielas como sinapses do seu cérebro. Pensava que cada rua correspondia a uma ramificação dos seus neurônios e, no caminho, sempre imaginava como seria percorrer a própria mente, explorando sonhos, desejos e alucinações. Todos os dias fazia um caminho diferente, exceto o da Rua Rozengracht, onde ficava o Restaurante Moeders.

Nesse restaurante, as pessoas podiam colar fotografias de suas mães na parede, e por isso ele se chamava Moeders. Já havia feito mais de 50 combinações por entre os canais da sua mente para chegar ao trabalho, mas sempre passava pelo Moeders. Ele achava que essa era uma forma de visitar a mãe todos os dias e, assim, se sentir menos culpado.

Apesar dos tantos novos trajetos que fazia até o trabalho, no fundo, sabia que o destino era o mesmo: visitar a mãe e depois ir para a loja de perfumes. Oliver era assistente de perfumista e a loja que o empregara era uma das poucas da Europa que fabricava os próprios perfumes artesanalmente. Seu proprietário, um senhor surdo e mudo, cuja deficiência fora compensada por um olfato extremamente aguçado, não vira problemas, obviamente, em empregar um rapaz que não falasse e nem entendesse o seu idioma. Restando-lhe apenas a habilidade olfativa, Oliver aprendeu muito sobre o ofício, e isso o tornou um detector compulsivo dos perfumes de Amsterdã.

Um dia, enquanto explorava os canais do rio Amstel a caminho do trabalho, Oliver sentiu um aroma totalmente diferente do habitual e, distraído, caiu da bicicleta de forma vexatória. Rapidamente se levantou, espreitando a presença de alguém que pudesse ter presenciado o seu ridículo. Para sorte, era muito cedo e a névoa ainda não havia se dissipado. Na queda, notou que a corrente da bicicleta havia se soltado e a lanterna frontal se quebrara, com o impacto na

grade de proteção da ponte. Ficou agachado se recuperando do susto, quando, por uma fresta da grade, pode avistar o letreiro: "Moeders".

Será que nem aqui ela me deixa em paz?, pensou.

Para sua surpresa, bem abaixo do letreiro avistou uma mulher debruçada no parapeito perpendicular da ponte. Conforme a névoa foi se dissipando, percebeu que a moça lia um livro.

Como eu não a vi quando me levantei do tombo? Será que ela foi a única testemunha da minha queda ridícula?

Oliver não conheceu muitas mulheres em Amsterdã. Mesmo sendo a terra da prostituição e do amor livre, sua timidez e a falta de habilidade no idioma local não o favoreciam nesses contatos.

Ainda agachado, lembrou-se que fora um aroma completamente distinto do habitual que havia provocado sua distração e o levado à queda. Esse aroma continuava forte e ele acabou concluindo que deveria vir da moça. Não teve coragem de se levantar. Ficou ali mesmo, agachado, como se tirando proveito de sua posição estratégica para examinar os movimentos mulher.

Ela vestia uma roupa de linho branca. Apesar do frio, estava um tanto desprevenida, mas não parecia se importar com isso. Vestia ainda um cachecol colorido que contrastava com o todo, iluminando-a por completo, como se emoldurasse seu rosto de traços delicados e bem delineados. Seus cabelos cacheados pareciam esculpidos artesanalmente, seus olhos eram claros e brilhantes, sua pele lisa e bem cuidada. Suas mãos pareciam fortes, como se as usasse para algum ofício especial.

Ai, meu Deus! Como eu fui cair bem na frente dela? E se, de alguma forma, ela quisesse me acudir? O que eu diria? Que sou assistente de perfumista e senti um perfume diferente? Sou um perfeito idiota.

Ainda estarecido com aquela imagem e confuso para decidir o que fazer, nem notou o que ela lia. Tentou enxergar o título do livro que parecia ser devorado como um romance de Dostoievski, mas não conseguiu. Já havia lido muitos livros na vida e se conhecesse o que ela tinha em mãos, se já o tivesse lido em português, estaria apto a puxar assunto.

Mas que idiota, falou consigo mesmo. Mesmo que eu conheça o livro, como poderei falar sobre ele se não falo holandês?

Já preocupado em perder a hora do trabalho, chegou à conclusão de que precisava encontrar uma saída, não podia ficar ali, naquela posição ridícula o dia inteiro, mesmo sabendo que aquela era a visão mais bela que já tivera desde que chegara à Amsterdã. Quando concluiu que estava perdido, completamente hipnotizado por aquela imagem, a moça fechou o livro, colocou-o dentro da cesta da bicicleta, deu um último sorriso e partiu rumo à rua perpendicular a do Moeders. A visão de sua partida foi um alívio, mas também o fim de suas esperanças de conhecê-la. Não entendia como poderia sentir saudades de uma pessoa que apenas vira por uma fresta da cabeceira de uma ponte. Mesmo hipnotizado no momento de sua saída, conseguira ver de relance o título do livro da moça assim como a tatuagem logo abaixo de sua nuca. *Nosce te Ipsum* era o título do livro. Uma Flor de Lótus era a tatuagem.

Já em casa, Oliver não conseguia se esquecer do que acontecera naquele dia incomum. Sua queda de bicicleta bem em frente ao Moeders poderia ter sido o ponto alto do acontecimento, mas não: o mais surpreendente fora se deparar com a imagem daquela moça que, o tempo todo, perturbava sua cabeça.

Será que aquela imagem foi real? Se pelo menos eu conseguisse pesquisar o significado do título daquele livro... Se eu pelo menos soubesse o seu nome... Flor de Lótus. Sim, parece um bom nome para ela.

Oliver sabia que numa cidade do tamanho de Amsterdã seria quase impossível encontrar Flor de Lótus novamente. Conformado com essa realidade, foi dormir com pelo menos uma decisão em mente: no dia seguinte teria que descobrir o significado de *Nosce te Ipsum*.

Ao lado do trabalho de Oliver havia uma Lan House onde ele diversas vezes lia o jornal online de sua cidade natal. Não gostava de tecnologia, preferia os livros, mas sabia que a maneira mais rápida de descobrir alguma coisa sobre aquele livro seria pesquisando no Google.

Ele sabia que o título não era nem inglês e muito menos holandês. Quando digitou "Nosce te Ipsum", logo no primeiro resultado surgiu: CONHECE-TE A TI MESMO.

Mas que estranho, pensou. O que Flor de Lótus estaria buscando com esse livro?

No caminho para o trabalho, como de costume, perambulou pelos canais do Amstel, passando obrigatoriamente pelo Moeders. Dessa vez, porém, não pensava na mãe e sim naquele perfume que acreditava ser de Flor de Lótus. Durante uma semana, tentou espreitar aquele cheiro que não saía de sua cabeça, juntamente com aquele aforismo latino “conhece-te a si mesmo”.

Por diversas vezes, pensava na possibilidade de tudo aquilo ter acontecido somente em sua imaginação. Se por um lado isso o incomodava por achar que estava ficando louco, por outro, sentia-se profundamente intrigado, pois, se tudo isso fosse mesmo fruto da sua mente, seria um enigma que ele mesmo estava propondo a si.

Mas porque eu deveria conhecer a mim mesmo? Porque essa imagem me veio à cabeça justamente no Moeders? Será que estou apaixonado platonicamente por Flor de Lótus?

De repente, Oliver parou a bicicleta numa esquina pela qual nunca havia passado antes. Uma névoa repentina soprou sobre o canal, e, mais uma vez, ele ficou pensando sobre a possibilidade de que nada a sua volta fosse real.

Será que ainda estou no meu quarto no Brasil? Será que não abandonei a minha mãe, e tudo isso não passa de um sonho? Espera aí, estou ouvindo alguém me chamar. Parece minha mãe.

– Oliver! Oliver! Levanta, filho, chegou uma correspondência internacional para você.

A mãe lhe entregou um envelope com um selo dos Países Baixos, mais precisamente, de Amsterdã. Sua curiosidade era notória, pois, desde que o filho mais velho fugira com a prima alemã, em nenhum momento perdera a esperança de ter notícias dele.

Oliver ficou muito confuso, pois lembrava vagamente da última imagem de seu sonho, quando estava parado em uma esquina, em Amsterdã. Agora é que ele já não conseguia discernir o que era real ou imaginário. Num surto de rebeldia, empurrou a mãe para fora do quarto e trancou a porta, pensando estar completamente louco. Virou-se para

a cama ainda desarrumada e olhou fixamente para o envelope, como se não acreditasse no que estava acontecendo. Ainda paralisado, notou que um aroma avassalador invadia o quarto. Ficou ainda mais assustado porque aquele perfume era o mesmo que sentira em seu sonho. Sentou-se na cama ao lado daquele envelope que parecia não conter somente uma carta, mas algum outro objeto volumoso. Num ato de coragem, no intuito de por fim de vez àquela história esmagadora, abriu o envelope já com a certeza de que aquele perfume vinha mesmo dele, rasgou um dos lados e logo rolou sobre a cama uma pedra negra como carvão. Tocando-a com muito cuidado, não entendeu por que motivo alguém lhe mandaria uma pedra de terras tão longínquas. Na ânsia de saber o que continha a carta que a acompanhava, desdobrou o papel que em poucas palavras dizia:

*“A imaginação é eterna e inesgotável.
A realidade é finita e trágica”*

“Conhece-te a ti mesmo”

Flor de Lótus



O tempo ao seu tempo

(Ana Beatriz Manier)

Escrevo daqui, do casarão que deixei décadas atrás. Aos meus olhos, as paredes mantêm a cor dos grãos de mostarda que minha mãe usava no tempero da carne, e os caixilhos de madeira ainda exalam o cheiro do verniz que ela retocava na chegada de cada dezembro. Os degraus que levam à porta mais uma vez estalam sob a pressão dos meus pés e com isso me vem a sensação de que as coisas, talvez, ainda não estejam em seus lugares.

Giro a maçaneta, as dobradiças se movem resistentes, com o rangido esperado delas, e eu entro na sala. *Nossa sala*. Passo os olhos por ela, abrangendo toda sua extensão, e volto a me surpreender com a altura do teto cinzento, com a largura das portas internas, com o comprimento das janelas que dão para o pátio chapiscado. Um arrepio primitivo me toma o corpo com o vento que entra pelas frestas e com o frio que corre solto naquela amplidão gelada.

Aos poucos, coloco a mobília em seus antigos postos. Revejo a disposição do sofá e das poltronas, das mesas de canto e de centro, de algumas estatuetas, dos muranos que me fascinavam pelas cores avermelhadas — minha casa sempre tão bem decorada. Quadros e mais quadros revestiam as paredes, plantas ocupavam intervalos. A estética em sua busca por equilíbrio e harmonia.

Em minha mente, ocupo todos os cômodos com seus móveis originais e trago com eles lembranças quase apagadas. Sem pedir licença, surge meu pai, assim, de pronto, sentado em sua poltrona cativa, de camisa branca e calça de tergal com vincos bem marcados. Tem no rosto seus óculos de aros pretos e nas mãos um livro encapado por uma folha parda. Ah, ele e sua mania de tapar o colorido das capas saídas da livraria... Como pode alguém no mundo fazer isso?

Me sinto tão feliz com sua presença, que simulo o gesto de abraçá-lo por cima dos ombros, aninhando meu rosto em seu pescoço. Chego a sentir o perfume de sua loção pós-barba e a passar os dedos por suas mãos grandes e ásperas.

Pai, que saudade, entrego a ele meu suspiro de filha e então o imagino me acariciando brevemente, após o sobres-

salto dos que não costumam ser tocados. Logo ele se desvencilha de meu abraço, tamanho o desconforto. Mas foram tão raros os momentos de tê-lo comigo, que a despeito de sua atenção, começo a falar e gesticular animada pela sala, o atualizando com novidades.

De tanto em tanto, faço paradas estratégicas para ver se me acompanha, e ele assente com a cabeça, ao mesmo tempo em que vira as páginas num movimento lento de dedos enodoados.

De repente, uma folha se solta do livro encapado e baila pela sala, ao assobio do vento que sopra pelo corredor. É tão leve a arisca! Ansiosos, corremos para pegá-la e acabamos nos esbarrando aos risos, sem nos darmos conta de nossas pisadas. Quando estamos prestes a cair em busca daquilo que nos escapa, minha imaginação nos ampara. *Calma... Tudo bem... Senta aqui, todo mundo inteiro*.

Meu pai era um astro ofuscado em torno do qual as mulheres-satélites orbitavam. Éramos nós a dar vida e luz aos dias, embora não houvesse muita empolgação com nossa luminosidade. *We take things for granted*, lembro da expressão inglesa tão adequada para a desimportância das coisas garantidas, nunca duvidadas.

Era sempre eu que espalhava brinquedos no chão, rabis-cava com hidrocor qualquer superfície branca e começava com as bonecas diálogos entusiasmados. Ficava horas inventando situações, criando conflitos e os solucionando, ora com drama, ora com abraços apertados. Não me contentava com os cantos, era uma timidazinha exibida, daquelas que ficam no caminho por onde se passa. *Atenção: travessia com obstáculos*.

Era minha mãe que administrava a casa com amor doído, calma resignada e conselhos sintomáticos. Revejo-a agora alisando as camas, servindo à mesa, guardando a roupa nos armários. Acredita que uma vez ela escondeu a chave da cômoda para que eu variasse menos minhas vestimentas diárias? Volto a sorrir mais uma vez, com malícia e saudade. Chaves sob vasilhinhos floridos são facilmente encontradas.

Minha irmã era vulcão de explosão iminente, fendas abertas em rocha fragilizada. Consigo ouvir daqui as brigas que ela começava na escola e que só a intervenção doméstica resolvia. *São coisas de menina esquentada, não vês?* Seu ex-

cesso de calor incendiava a casa.

O que saía de nós, mulheres, ardia tanto e em intensidades tão variadas, que as lâmpadas velhas do casarão voltam a acender com minha memória renovada. Piscam e iluminam a tal ponto que chegam a produzir um zumbido forte de eletricidade. Nunca morrem os elétrons? Sobrevivência também é coisa que me surpreende.

Meu pai ergue as sobrancelhas, lá de sua poltrona. Parece surpreso também e não mais imerso em seu sono heroico-literário. Percebo seus olhos marejados por trás dos óculos e vejo que faz esforço para se levantar. Está tão envelhecido, o que houve com ele? Eu nem havia reparado. Me aproximo e ofereço ajuda: *podemos ir?*

Ele consente mais uma vez. Ajeita o amassado da roupa, coloca a mão em meu ombro e me dá a preferência até a porta. Ouço agora um silêncio absoluto na casa — o vento, a luz, o frio das frestas —, tudo parece ansiar por alguma ação. Descemos juntos as escadas. Continuo na frente — se ele tombar, tentarei segurá-lo —, mas os degraus me parecem mais firmes agora.

Lá embaixo, na calçada, ele me entrega seu livro, seu choro contido e seu abraço. Eu lhe entrego um amor cristalino e nenhuma palavra. Então ele vira para o porto e segue o seu caminho. Eu olho para cima, para o casarão agora desbotado. Há tantas rotas a seguir, continuo na estrada.

EXPEDIENTE

REVISTA OEDIPUS:

Publicação interna do Corpo Freudiano de Nova Friburgo

ANO I - Nº 1 – JUNHO 2022

IDEALIZAÇÃO:

Izaura Gazen e Caroline Amorim

EDITORAÇÃO, REVISÃO E PREPARAÇÃO DE ORIGINALS:

Ana Beatriz Manier

TRATAMENTO DE IMAGENS:

Isaias Freire

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:

Kiki Gurjão

PUBLICAÇÃO ONLINE:

Fruto Agência Digital

